

PERSPETIVA

Fotografia. Arte. Natureza.

FOTOGRAFAR EXERCITANDO A ATENÇÃO PLENA

Jorge Almeida

UMA GALÁXIA DE IMAGENS

Mário Pires

**CRIANDO IMAGENS ATRAVÉS DE IA:
COMO ABRIR A CAIXA DE PANDORA**

Mário Pires

ENSAIO

Mónica Brandão

ENTREVISTA

Luísa Melão

4 POR 3

Peter Richter

Sónia Almeida

Patrícia Gaspar

ÂNGELO JESUS

LUÍS AFONSO

MÁRIO CUNHA

MIGUEL SERRA

NUNO LUÍS

RICARDO SALVO

RÚBEN NEVES

TIAGO MATEUS

Set/Out 2023

Número #011

Editorial.



Para muitos de nós, acabaram-se as férias. Alguns aproveitaram para fazer mais fotografia que o habitual, usando ao máximo o tempo livre disponível, enquanto outros usufruíram dos dias quentes e do céu azul para fazer uma pausa. Talvez uma pausa criativa, como aquela definida pelo psicólogo Edward de Bono e que pode ser encarada como uma técnica capaz de nos preparar mentalmente para nos tornarmos mais criativos. Através dessa pausa, arranjam forma de limpar a mente e de nos tornarmos mais conscientes do que está ao nosso redor.

Vêm aí os meses da *rentrée* e nada melhor do que recomeçar ou iniciar com ideias frescas. Este renovar dá o mote à entrevista à fotógrafa **Luísa Melão**, num dos raros momentos em que a conseguimos sentar a uma mesa para a fazer contar algumas das suas histórias, acompanhadas das suas belíssimas imagens.

Quem também toma de assalto esta edição é o **Mário Pires**, que nos leva pelos caminhos das imagens produzidas através da Inteligência Artificial. Não só assina um artigo onde explora possíveis razões porque os fotógrafos podem estar alarmados com o seu aparecimento, como nos ensina a “criar” essas benditas imagens. Se sempre quis saber como criar mundos alternativos não deixe de ler a secção técnica da revista.

Mais do que a passagem do ano, é no início do outono que começa realmente o meu novo ano criativo. É a altura em que começam os festivais de fotografia de natureza (como o [Iris](#), o [Naturcoa](#) ou o [Imaginature](#)), cheios de inspiração e de novas formas de ver, mas é também a altura em que a natureza nos convida de novo para fazer parte dela, seja por causa do espetáculo de cor que está a preparar, seja porque os dias mais amenos convidam a deixar o ninho.

E é desta maneira que a **Mónica Brandão** nos convida a abraçar a natureza, fazendo parte dela. Neste ensaio, fotografia e natureza, fotógrafa e sujeito abraçam-se e confundem-se, tornando-se uma só. Uma autêntica forma de meditação como nos lembra o artigo de opinião do **Jorge Almeida**.

Seja de que forma for, não percam esta oportunidade para renascer! É outono.

Luís Afonso

Esta revista é editada por **Luís Afonso**.

A reprodução total ou parcial, em qualquer meio, é estritamente proibida.

Os direitos de autor do conteúdo aqui apresentado permanecem com os seus proprietários, sendo o mesmo publicado com a necessária permissão.

Colaboraram nesta edição:
Ângelo Jesus, Jorge Almeida, José Ramos, Luís Afonso, Luísa Melão, Mário Cunha, Mário Pires, Miguel Serra, Mónica Brandão, Nuno Luís, Patrícia Gaspar, Peter Richter, Ricardo Salvo, Rúben Neves, Sónia Almeida e Tiago Mateus.

Revisão:
Ricardo Salvo e Rúben Neves

www.revistaperspetiva.pt
 © Luís Afonso, 2023



© **José Ramos**, 2018. Composição, luz e sujeito. Qual destes elementos será mais importante numa fotografia de paisagem natural? Qual destes elementos mais contribui para criar presença e memória em quem vê? Talvez o segredo esteja na conjugação perfeita destes três elementos.

Índice.

01

p. 6-27

ENTREVISTA
Luísa Melão

Nesta edição, Luís Afonso conversa com a fotógrafa algarvia Luísa Melão, para quem a liberdade de poder fotografar o que sente, sem as amarras de ter de produzir e publicitar uma obra coerente, é aquilo que a faz querer ir sempre mais além, na procura de uma criatividade que a leva cada dia mais longe.

02

p. 28-30

PONTO DE VISTA *por Jorge Almeida*
Fotografar exercitando a atenção plena

E se a fotografia pudesse contribuir para o seu bem estar físico e espiritual? Quando estamos por trás de uma câmara, a nossa capacidade de concentração aumenta e a nossa habilidade de contemplação e meditação também. Uma fotografia por dia, nem sabe o bem que lhe fazia...

03

p. 31-37

PONTO DE VISTA *por Mário Pires*
Uma galáxia de imagens

Que uma imagem gerada por mecanismos de inteligência artificial não é uma fotografia já todos percebemos. Mas deverá a Fotografia continuar preocupada com o aparecimento das imagens geradas por IA? Quais são os pontos que preocupam os fotógrafos? E haverá mesmo razão para nos preocuparmos?

04

p. 38-41

CONVERGÊNCIAS *por Nuno Luís*
A perfeição na imperfeição

Nenhum ser humano é perfeito e até custa entender como fomos capazes de cunhar tal conceito. Mas será que é somente na busca dessa inalcançável sublimidade que nos tornamos criadores mais inteiros? Ou será que as nossas obras de arte têm de ser imperfeitas para nos apaixonarmos por elas?

05

p. 42-46

GRANDE ANGULAR *por Ricardo Salvo*
Onde a terra acaba e a fotografia começa

O mar, o que na Terra será o que lhe é mais imutável, é, ao mesmo tempo, o elemento da paisagem que mais surpreende pelas suas infinitas possibilidades, pela forma como, no que parece um contrassenso, nunca se repete a si próprio. Há lá coisa mais fascinante para um fotógrafo que gosta de retratar a paisagem?

06

p. 47-56

ENSAIO
Mónica Brandão

Como será a experiência de fazer parte da natureza, como numa relação simbiótica? Mónica Brandão foi observando o espaço ao seu redor, em busca das árvores e dos outros elementos da natureza que pudesse, realmente, abraçar, explorando uma relação de simbiose íntima entre a natureza e o corpo.

07

p. 57-59

POR DETRÁS DA IMAGEM *por Miguel Serra*
Fluxos de mim

As coisas mais simples, como a água, são talvez das mais complexas de retratar, principalmente devido às múltiplas formas que elas podem representar. Nesta imagem, o Miguel usou a capacidade reflexiva da água para contar a sua história.

08

p. 60-67

A NOSSA NATUREZA *por Mário Cunha*
A razão

Quando fotografamos, temos diante de nós um retângulo para enquadrar a realidade. Mas terá mesmo de ser um retângulo? Porque não um quadrado? E terá de ser 3 por 2? Neste artigo o Mário viaja pelos diferentes formatos que costuma usar e dá-nos algumas razões para mudarmos de razão.

09

p. 68-76

A VIAGEM MONOCROMÁTICA *por Tiago Mateus*
O elefante cor-de-rosa

Lembra-se do desafio que se propôs o Tiago na edição número 8? De estar um ano a fotografar apenas a preto e branco? Pois bem, aqui fica o quarto capítulo desta demanda, num périplo pelo Parque Nacional dos Picos da Europa, no país vizinho. Será que foi desta que a cor pintou a sua câmara?

10

p. 77-88

SAÍDA DE CAMPO *por Ângelo Jesus*
Verão nas terras altas do norte

A Serra do Gerês é uma das montanhas mais especiais do continente Português. Miguel Torga escreveu um dia: “há sítios do mundo que são como certas existências humanas: tudo se conjuga para que nada falte à sua grandeza e perfeição”. O Ângelo conhece os granitos do norte como poucos. Ainda assim, sente que precisa de voltar uma e outra vez para captar a sua essência.

11

p. 89-96

TÉCNICA
Como abrir a caixa de pandora

Como se criam imagens geradas por Inteligência Artificial (IA). Quais são os comandos e que aplicações se podem usar. Neste artigo o Mário Pires explica como se faz e dá exemplos para que consiga vestir a pele de criador.

12

p. 97-99

DA MINHA ESTANTE *por Rúben Neves*
“Element”, Filip Kulisev

Através das suas fotografias, o Eslovaco Filip Kulisev mostra a diversidade e o encanto que se podem encontrar nas quatro zonas climáticas do planeta Terra, através de imagens captadas ao longo das diferentes épocas do ano. Estas zonas simbolizam igualmente os quatro elementos básicos que moldam a natureza da nossa casa desde o seu início.

13

p. 100-115

4 POR 3

Peter, Sónia & Patrícia

Nesta secção, vocês são os protagonistas. São quatro imagens, de três fotógrafos. Mas não são imagens aleatórias. São imagens com algo que as une e que se espelha no texto que cada um escreve para as acompanhar. Obrigado aos que, nesta edição, quiseram mostrar ao mundo um pouco da sua arte.

14

p. 116

AGENDA

Workshops, Passeios, Exposições, Festivais

Tome nota dos eventos que vão ter lugar nos próximos dois meses e onde poderá participar, aprender, fotografar e dar largas à sua criatividade.

Luísa Melão.

Entrevista.



Luísa Melão.

Gosta de fotografar a beleza do ser humano, mas é em plena natureza que se sente em casa. Apaixonada pelo seu Algarve, pelo mar e pelas coisas mais simples, é na liberdade de vaguear pelo mundo de câmara na mão, fotografando o que sente e a forma como as coisas a tocam, que encontra a razão de ser da sua fotografia. As suas imagens estão carregadas de luz e de vento, do mais forte ao mais suave, do ar mais húmido dos mares do norte à brisa mais quente dos verões a sul. Na realidade, nada é mais livre do que o vento que se escapa pelas nossas mãos.

Entrevista por **Luís Afonso**. Fotografias de **Luísa Melão**.

Conta-nos um pouco sobre a tua juventude. Quais eram os teus interesses?

Cresci no Barlavento Algarvio, em Portimão. Lembro-me de passar horas, encantada, a assistir aos documentários de história natural que passavam na televisão ao fim-de-semana. Em especial, os de vida selvagem. Também me recordo das explorações no campo, na quinta dos meus avós, acompanhada por um fiel pastor alemão, a ver a vida no lago e na ribeira, como os girinos se transformavam em rãs e as larvas em libélulas. E de como as flores surgiam. Tentava identificar insetos e aprendia o nome dos pássaros com o meu avô. Depois completava tudo isto com idas à biblioteca municipal, à pro-

cura de livros de biologia, aqueles manuais lindos cheios de ilustrações pintadas, procurando identificar e entender o que tinha visto. Tinha um jardim com roseiras que aprendi a podar e enxertar e improvisava aquários com qualquer jarro velho. Também recordo as idas à praia com a família e os amigos, explorando as poças que ficam nas rochas com a maré vazia e colecionando conchas e cascas de ouriços do mar.

Nessa juventude, tão impregnada de natureza, já havia algum indício que podias vir a ser fotógrafa?

A fotografia estava longe da minha ideia. Havia de ser bióloga ou veterinária. Ambicionava ape-

nas saber desenhar e pintar, para fazer ilustrações como as que via nos livros de vida animal e vegetal. Passava horas no quarto, numa daquelas escrivaninhas cheias de gavetas, com lápis de cor e papel. Não sei se tinha jeito ou era mesmo de tanto insistir, mas lá fui criando alguns desenhos que me satisfaziam. Depois experimentei óleo e agora ando a experimentar aguarela. Ainda não desisti de aprender a desenhar “a sério”.

Como foi pegar pela primeira vez numa câmara fotográfica? Lembras-te das primeiras fotografias?

As primeiras fotografias foram realizadas ape-

nas com o intuito de documentar alguns passeios de fim de semana. Comprei a câmara, uma Canon analógica, quando comecei a trabalhar em Coimbra. Nos tempos livres explorava a Beira Interior. Na altura, interessava-me por História e tratei de descobrir as rotas do Paleolítico, do Românico, as aldeias históricas...

Quando regresssei ao Algarve, vieram as viagens para sítios distantes e exóticos. A primeira foi à Índia, em 2013. Qualquer pesquisa na internet nos mostra um paraíso de cor, formas e exotismo e havia, portanto, a necessidade de captar toda aquela beleza. Não queria apenas documentar, era preciso fazer justiça àquele universo. Via o livro do [Joel Santos](#) e sonhava... Era necessário esforçar-me. Na altura já tinha uma câmara digital, uma Nikon. Nunca liguei muito a marcas. Tratei de a complementar com uma 50mm f/1.8 e depois de umas horas a fazer retratos de teste em casa, estava pronta. Achava eu...

Foi assim na Índia que tudo começou. Lembrome de andar sempre perdida das minhas amigas. Elas já sabiam que eu haveria de ir ter ao hotel. Ficava encantada, a fotografar, onde quer que fosse, enquanto elas, incomodadas com os cheiros e com o pó, haviam de ir às compras ou fazer uma refeição. Eu enfiava-me nos templos, nas cerimónias e em qualquer sítio onde houvesse gente e cor. Estava no país das maravilhas.

E agora, o que significa para ti a fotografia e quanto tempo lhe dedicas?

A fotografia representa todo um modo de ver e sentir o que nos rodeia. De desligar das distrações e apreciar o momento, o lugar. Mesmo

quando não trago a câmara, vejo e sinto o mundo de outra forma. Estou mais atenta, descubro beleza no inesperado. Por outro lado, guardar não é só documentar o que lá está. Preciso registar como vejo, o menos óbvio, os pedacinhos de magia. Se algum dia me faltar a memória, ou não conseguir sair de casa, tenho ali como voltar a sorrir. Como voltar àquele momento para viver de novo o que senti.

Há também uma necessidade de criar, de experimentar, registar, sem muitas regras. A fotografia ofereceu-me um caminho para ser verdadeiramente livre. Por essa razão, nunca fui muito adepta da formação mais formal e entro em negação [risos] sempre que me dizem que devia fazer este ou aquele *workshop*. Para fazer a fotografia que faço preciso da ausência de formalidade. Só assim consigo desenvolver o meu “eu” criador. Muito do que sei, foi apreendido através da experimentação, do querer fazer.

Não consigo quantificar o tempo que dedico à fotografia, não há um *on* e um *off*. Passei simplesmente a ver de forma diferente e para mim isso também é fazer fotografia. A minha forma de olhar mudou. É como quando se gosta de alguém e tudo nos lembra essa pessoa. Às vezes dou por mim a trabalhar, encantada pela forma como a luz entra por uma janela ou como um gesto de alguém pode contar uma história.

Tu és uma pessoa que pratica muito esta arte, que explora, que procura os ensinamentos. Para além desta componente mais prática, o que é que encontraste de verdadeiramente útil para a aprendizagem da fotografia?

Principalmente, a forma de olhar e ver, como



Jökulsárlón, Islândia , 2021

Pág. seguinte:
Svartifoss, Islândia, 2021

sententes o que está à tua volta. Acho que isso também se vai aprendendo com a experiência: a ver. Notas essa mudança quando deixas de fazer o registo mais óbvio, quando comesças, numa única imagem, a tentar registar todo um conjunto de sensações. De resto, a técnica está toda nos manuais.

Que artistas mais te inspiram e inspiraram no início? O que tiras deles para a tua própria fotografia?

A fotografia abriu-me a porta para o mundo das artes. De outras formas de sentir e criar. São in-

contornáveis os mestres da pintura, em especial do Renascimento e Impressionismo, que nos ensinam a importância da luz, da composição e de como motivos aparentemente banais dão origem a obras maravilhosas.

Na minha lista de fotógrafos de referência estão “donos” de estilos muito diversos. Do humanismo de [Eugene Smith](#) e Sebastião Salgado, às cores do [Saul Leiter](#). O Ártico do [Ragnar Axelsson](#). Das formas de [Jonathan Chritchley](#) e [Michael Kenna](#), à vida selvagem do [Vincent Munier](#). E o apelo de uma natureza mais criativa trazida pela [Isabel Díez](#), [Hans Strand](#), [Sandra Bar-](#)

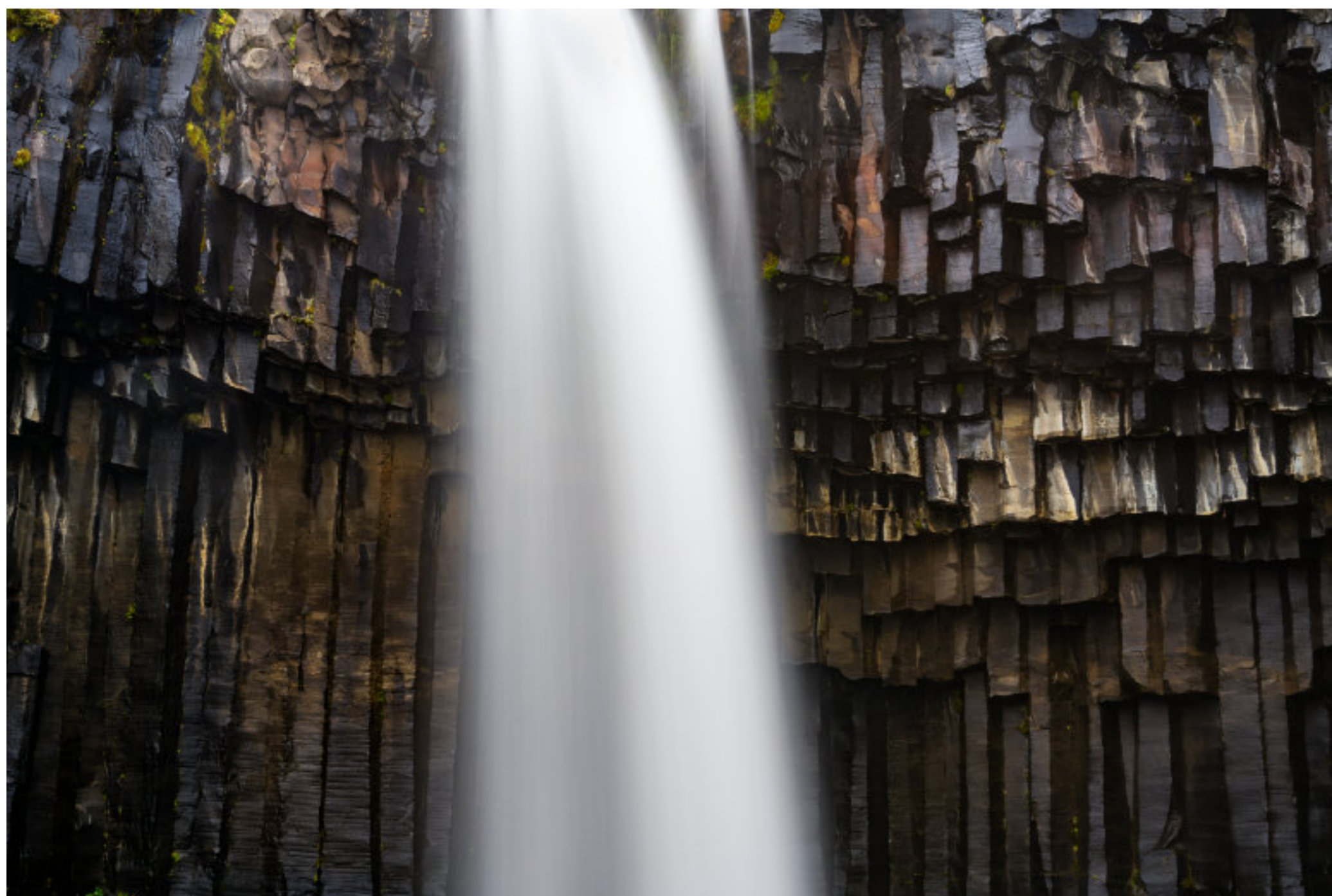
[tocha](#), [Alister Benn](#), [Theo Bosboom](#), [Alex Noriega](#), [William Neil](#) e [Marsel van Oosten](#).

E onde gostas mais de descobrir todas essas referências?

Em livros de fotografia. Sou uma colecionadora de diferentes géneros fotográficos. Fazem-me companhia e tenho-os espalhados pela casa toda, voltando aos mesmos inúmeras vezes. Confesso que raramente leio os textos, prefiro que as imagens me falem. São fonte de inspiração mas, acima de tudo, portas de entrada para outras abordagens, outras formas de ver e de registar. São tão próprias de cada autor e é disso que gosto, de entrar nesses mundos e de guardar um pouco de cada um deles. Além de que uma fotografia impressa renasce, materializa-se, conseguimos apreciar muito melhor. E apaixonam-me os pormenores, como a escolha do papel, o *layout*, a própria sensação tátil das páginas.

Tu nunca te especializaste num género de fotografia, embora, claramente, faças mais fotografia de natureza. Qual a razão desta escolha?

Eu fotografo diferentes géneros. Gosto de retrato, de viagem e de fotografia de rua. E de fotografia de palco e *backstage*. Mas é na natureza que me reencontro comigo, onde é possível desligar de tudo o resto e deixar a atenção fluir, como se não existisse, como se não estivesse lá. Os outros géneros de fotografia obrigam, de alguma forma, a uma relação bidirecional entre o fotógrafo e o seu objeto de fotografia. A natureza possibilita-me simplesmente contemplar, navegar entre cores, formas e movimentos, num ambiente mais tranquilo.



Tens a perceção para onde caminha a tua fotografia? O que gostavas de mudar nos tempos mais próximos?

Talvez não seja um caminhar intencional, mas sim um “deixar ir ao sabor de vento”. Sou uma fotógrafa “errante” que precisa de se continuar a encantar, de descobrir, de aprender e recomençar, fazendo coisas novas. Existem tantas abordagens diferentes que me interessam e entusiasmam. Esta liberdade da falta de compromisso ou de um prazo para um projeto, que não tenho no meu trabalho, mantém a minha paixão acesa.

Não fico muito tempo no mesmo sítio, a minha atenção gosta de vaguear. Por essa razão, afasto-me, muitas vezes, do que já me é familiar, para experimentar novos géneros, novos temas. Claro que deixo passar a hipótese de fazer um “repertório” mais organizado e coerente. Mas essa é a vantagem de fotografar de forma “amadora”. Se me apetecer, estou meses sem publicar nada e se me aguçar a curiosidade vou fotografar algo que nada tem a ver com o meu “habitual”.

Gostava de fazer mais retratos que contam histórias. De fotografar na cidade.

Neste teu caminhar livre, houve algo que gostavas de ter aprendido para te possibilitar atalhar e chegar mais depressa a onde querias?

Sem dúvida que teria sido mais fácil perceber como “chegar” ao efeito pretendido através de uma formação mais formal. Até porque gosto de fazer diferentes géneros de fotografia que exigem abordagens muito diversas. Atualmente,

tenho de me esforçar para aprender pós-processamento e ser mais organizada na gestão do meu arquivo... tudo o que não gosto de fazer.

E como é um dia da Luísa fotógrafa?

Quando saio com o propósito de fotografar, normalmente, faço-o sozinha, antes do nascer do sol ou ao fim do dia, de preferência para uma zona que já conheça. Levo o material fotográfico e o termo com café. Este último nunca pode faltar!

Tenho uma ideia prévia do ambiente que vou encontrar e de como a luz funciona ali. Da hora e altura das marés e da direção do sol. Normalmente, há uma imagem, um enquadramento, planeado previamente. Chego ao local com esse plano em mente e o material necessário para o executar. No entanto, para a natureza levo sempre uma teleobjetiva, o que me permite, nos entretantos, e estando num sítio com potencial, com uma luz bonita, ir observando com atenção e captando imagens não planeadas.

Gosto de usar tripé e cabo disparador, especialmente para movimento da água. Depois de escolher o melhor tempo de exposição para obter o efeito que quero, por exemplo, nas ondas, espero pelo momento certo e vou experimentando. Quando fotografo, normalmente utilizo prioridade à abertura. Depois vou ajustando manualmente o ISO se tiver necessidade de obter um determinado tempo de exposição. Também posso usar prioridade à velocidade.

Na maioria das vezes, as melhores imagens são as não planeadas, as que surgem porque estás no sítio e as conseguiste ver. E também há saídas com zero fotografias, que valem por estar

no local, simplesmente a observar e apreciar.

Quando são viagens, obviamente que planeio com muito mais detalhe. Estudo o lugar, faço a listas dos sítios que me interessam visitar, marco no Google Maps[®] e tento ter uma ideia das melhores condições para cada um dos lugares. Mas faço questão de deixar sempre uma margem para ir ajustando o trajeto e as datas, de acordo com o que vou encontrando e a meteorologia.

As imagens, depois, amontoam-se em discos externos, com uma certa desorganização. Boa parte delas nunca chega a ser editada. A principal satisfação é mesmo o momento da captação. Outras seguem até às redes sociais, cada vez menos. Algumas, partilho com alguns amigos. Ainda não me dediquei a imprimir, mas é algo que gostava.

Em que lugares te sentes mais à vontade a fotografar? Achas que a localização é tudo o que importa numa fotografia de paisagem?

Gosto de água, salgada, em movimento, a dançar ao sol. Tenho sorte de viver num sítio onde não falta água salgada. E perto de casa posso voltar sempre que quiser, dá-me a liberdade para experimentar, para “arriscar” mais, para usar novas técnicas, errar e voltar.

No topo da lista de sítios favoritos está a Costa Vicentina, pelo mar mais revolto, pelas arribas e pelas aves.

Prefiro fotografar em qualquer lugar onde tenha hipótese de o conhecer bem, de o observar e de o viver com calma. Algumas localizações facilitam-nos muito a fotografia, pelas condições que

criam, mas é sempre preciso tempo para sentir o local e captar a sua essência, o que só conseguimos fazer quando deixamos de ver o óbvio e vamos ao fundo daquilo que somos e do que a natureza é.

Na terceira vez que visitei a Islândia, para partilhar um exemplo, resolvi voltar aos sítios onde já tinha estado. Foram três semanas a pernoitar numa carrinha, a adormecer e acordar na natureza, sem um percurso predefinido. Conduzi ao sabor da meteorologia, ficando o tempo que me apetecia, onde me apetecia. Tive tempo e disponibilidade criativa para conhecer bem o lugar, como este muda com a meteorologia, os seus cantos e recantos. Depois daquelas fotografias “obrigatórias”, com os enquadramentos que captam logo a nossa atenção, tive oportunidade de começar a ver os pormenores menos apelativos mas que, na maior parte vezes, representam melhor aquilo que somos e a forma como olhamos para os nossos sujeitos. Só com esta atitude e disponibilidade consegui fotografar “ao meu jeito”. Consegui criar.

Nas primeiras vezes que ali estive deixei-me levar por aquele encantamento de quem está num sítio pela primeira vez e acaba por registar apenas o que grita mais alto. Não há como escapar disto. Só com tempo se consegue ver mais além para poder ter uma atitude mais contemplativa da natureza.

E o que mudou nas tuas fotografias em resultado disso?

Só desta vez senti que criei imagens realmente “minhas”, daquilo que sou, da forma como o sítio me cativa, o que senti quando lá estive. Não são uma primeira impressão superficial,

como aconteceu das outras vezes. Só desta vez dei a conhecer a minha Islândia. E sinto que preciso de voltar ainda mais umas vezes. Birmânia e Índia são lugares onde “preciso” voltar, sem pressas, nem itinerário rígido, descobrindo e vivendo. Um mês serviu apenas para me mostrar o imenso potencial dessas paisagens e gentes.

Qual é a tua objetiva favorita e porquê?

A maravilhosa 50mm f/1.8. É pequena, leve, versátil, nítida e com um desfoque lindo. Mas atualmente, e protestando por causa do peso, levo sempre a 100-400 quando fotografo natureza. Permite-me “apanhar” pormenores que tanto me apaixonam. E mesmo quando a luz não está favorável, permite-me continuar a fotografar muito para além do grande plano. Dizem que o diabo se esconde nos detalhes. Pois as preciosidades também.

Se nos encontrássemos para beber um café e não pudéssemos falar de fotografia, falaríamos do quê? Que mais te interessa nesta vida?

Falaríamos de ideias, de sítios, de viagens. Das feitas e das por fazer. Da magia de cada lugar. Dos livros descobertos. De orquídeas, pois tenho um pequeno orquidário em casa, repleto de orquídeas tropicais. E de nós, pessoas. Fotografo principalmente natureza, mas sou fascinada pela natureza humana.

Luísa Melão: [instagram.com/luisinha_melao/](https://www.instagram.com/luisinha_melao/)

Breiðamerkursandur, Islândia, 2021



Luísa Melão.

Portefólio.



Parque Natural da Ria Formosa, Loulé, 2021



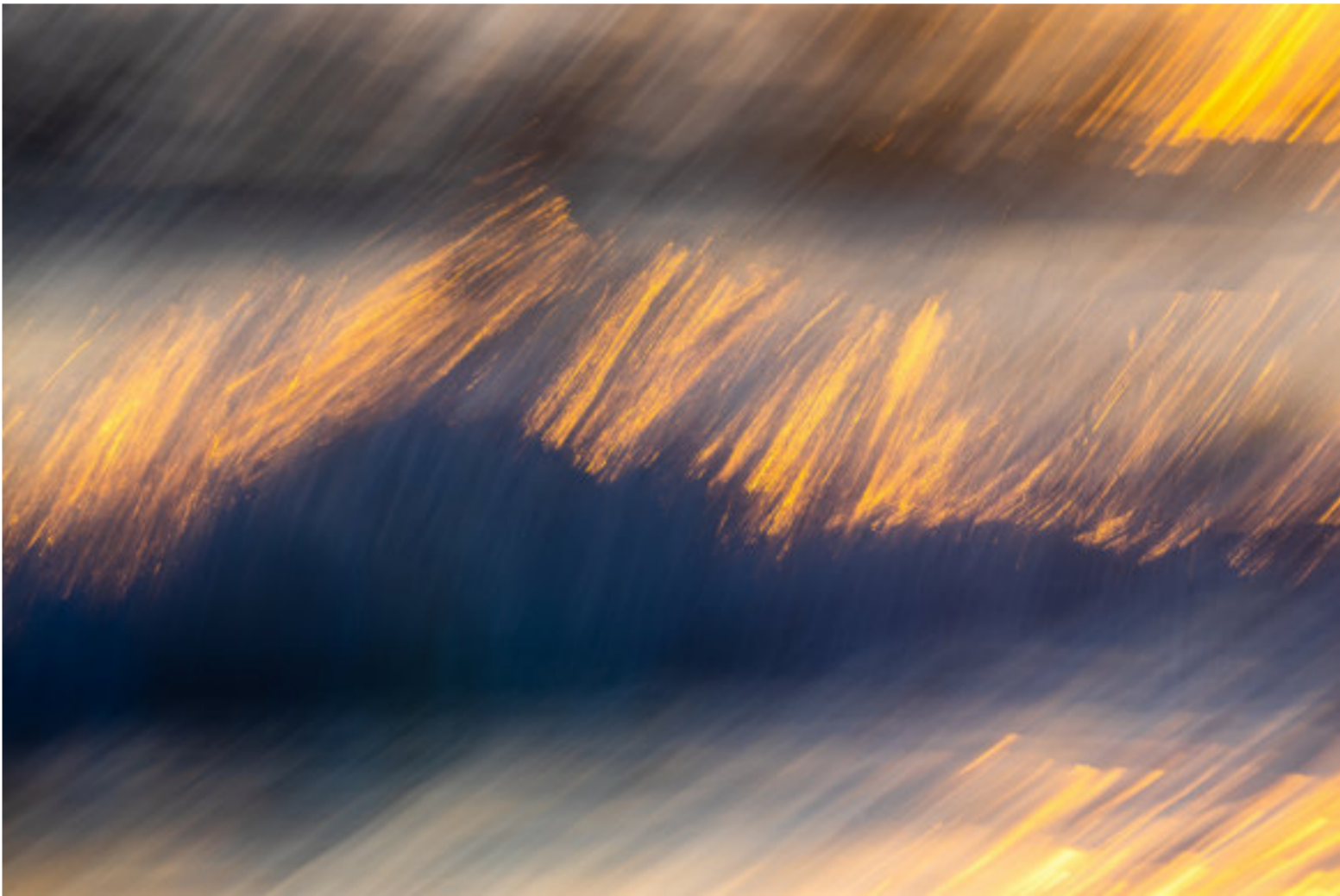
Dettifoss, Islândia, 2021



Jökulsárlón, Islândia, 2021

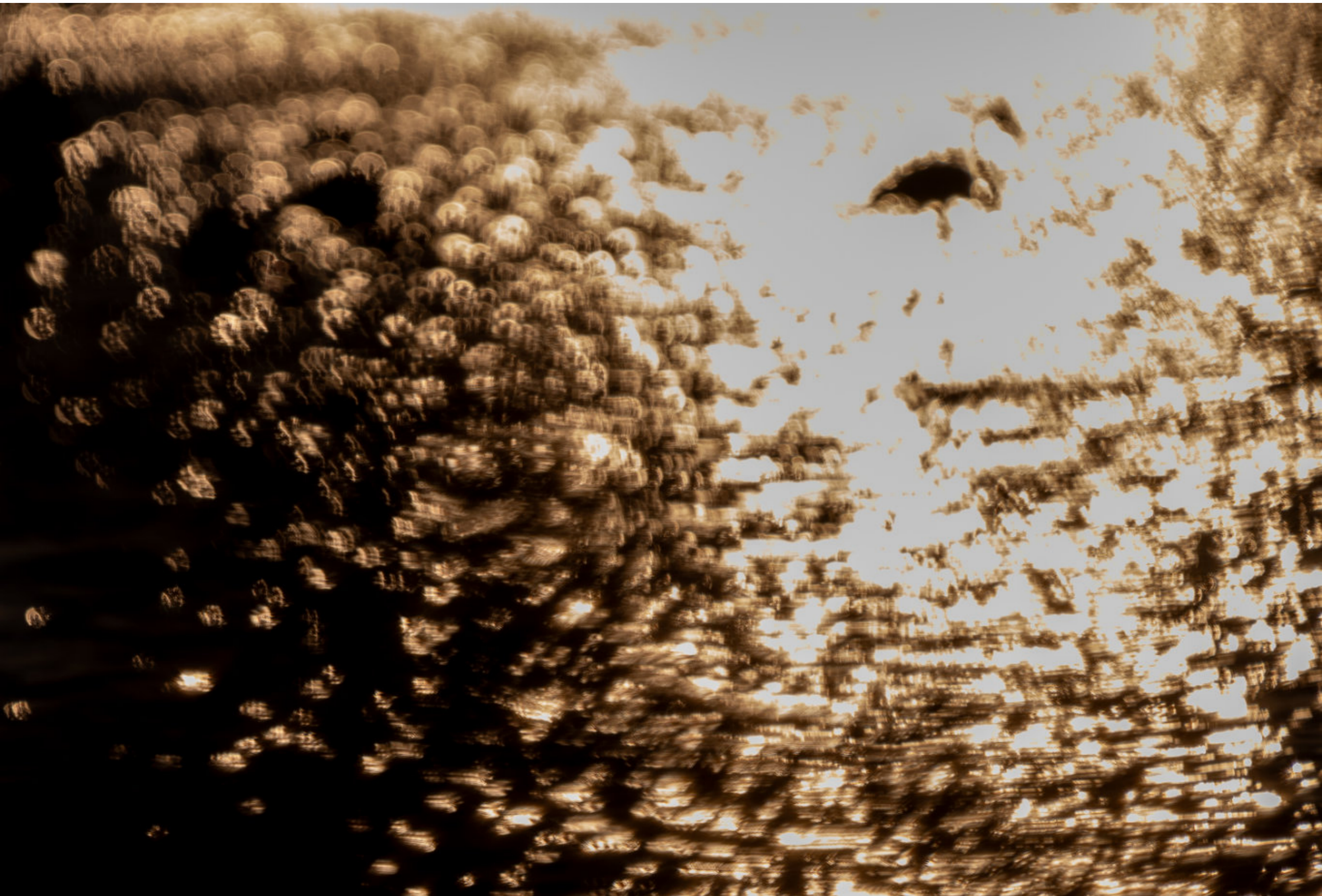


Praia de Faro, 2019



Praia de Faro, 2022

Pág. seguinte:
Salinas de Tavira, 2023







Breiðamerkursandur, Islândia, 2021

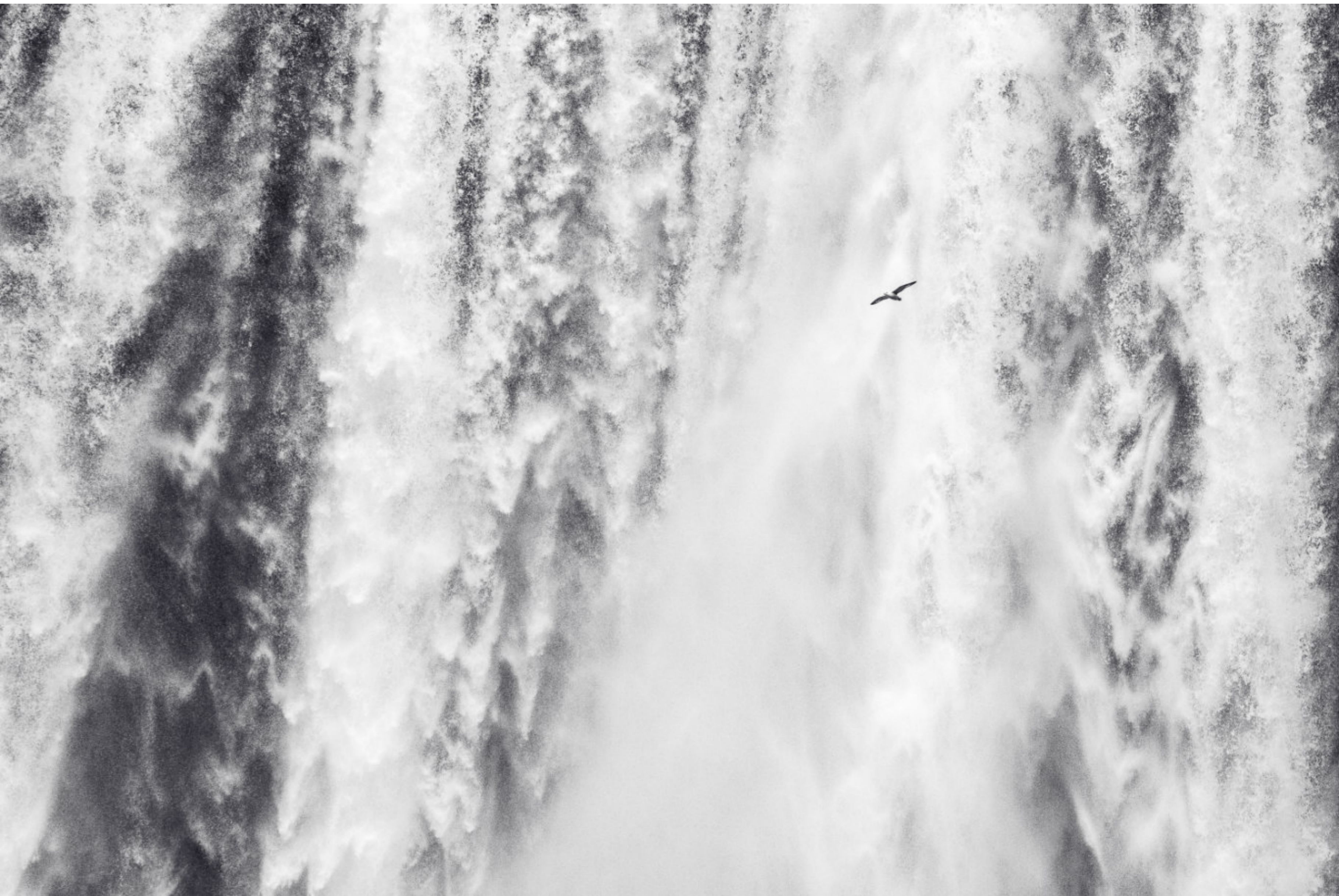


Jökulsárlón, Islândia, 2021



Parque Natural da Ria Formosa, Loulé, 2023

Pág. seguinte:
Skógafoss, Islândia, 2021





Vatnajökull, Islândia, 2021



Cabo Sardão, 2023

Pág. seguinte:
Parque Natural Da Ria Formosa
Faro, 2022





História por detrás da imagem: Breiðamerkursandur, Islândia, 2021

Numa manhã de chuva sem tréguas, com visibilidade muito baixa, só conseguia alguma nitidez ao fotografar objetos próximos. No canal que liga a lagoa do glaciário ao mar acumulam-se alguns icebergues, enquanto a água continua a escoar. Embrulhada num impermeável, com a câmara no tripé, tentando proteger-me da chuva e do vento, desci até próximo da margem. Não havia mais ninguém ali. Com a teleobjectiva a 400 mm, fui experimentando com o ISO até obter a velocidade pretendida. Aproveitei a luz que atravessa o gelo e a água em movimento.



História por detrás da imagem: Cabo Sardão, 2023

Sabia que em março as galhetas estariam com a sua plumagem nupcial. Já tinha esta imagem idealizada, agora tudo dependia da “colaboração” das mesmas. Rumei ao Cabo Sardão, onde há uma colónia a nidificar. São fáceis de identificar, nesta altura do ano, com a sua crista. Câmera, tripé, cabo disparador e paciência, muita paciência. Horas... à espera. E não foi no primeiro dia. ISO 50, com f/32, dava-me a velocidade pretendida: 0,4s. Agora era preciso que a galheta ficasse pousada num sítio com o fundo pretendido, sossegada durante pelo menos aquela fração de segundo, enquanto as ondas acrescentavam movimento. Após horas de espera naquelas arribas maravilhosas e vários disparos finalmente consegui a imagem que idealizei.



História por detrás da imagem: Covão da Ametade, Manteigas, 2021

Covão da Ametade, numa manhã fria de novembro. O chão estava coberto de geada e os videiros vestidos de Outono. A ideia era contrastar as cores quentes das folhas com o frio do granito e dos troncos. E transmitir um pouco o que se sente ao caminhar debaixo das árvores. Aproveitando a suavidade da primeira luz da manhã, com o olhar dividido entre os pormenores da geada que brilhava e as folhas que caíam com a fresca brisa, decidi fotografar “árvores através de árvores”. Com uma pequena cortina de folhas na minha frente, usei uma 200 mm e a maior abertura possível, para atingir o desfoque pretendido. ISO a 400, para um tempo de exposição mínimo de 1/125 segundos.

Fotografar exercitando a atenção plena.

Texto e fotografias por **Jorge Almeida**.

Pensar é uma característica própria do ser humano, os pensamentos povoam a nossa mente e condicionam os nossos sentimentos. Como sabemos, não temos só pensamentos positivos e é difícil controlar o que pensamos, a todo o momento a nossa mente é invadida por pensamentos indesejáveis, muitas vezes desligados da realidade e que nos provocam mau estar, dor e sofrimento.

Nós somos o que pensamos e com certeza ninguém pretende, conscientemente, ocupar a mente com o que causa sofrimento, mas todos, em alguma altura da vida, já provámos esse sofrimento. Quando a nossa saúde está mais frágil, ou somos afetados por algum problema, procuramos descansar, evitar esforços físicos e fundamentalmente permanecer mentalmente calmos, descontraídos. Acalmar a mente é, assim, uma prática que todos nós procuramos e um dos meios mais eficazes de que dispomos para o conseguir é através da concentração. É

pela concentração focada que podemos remover os níveis mais grosseiros de pensamentos perturbadores e alcançar uma mente calma. A concentração não é importante só por si, mas desempenha um papel essencial para conseguirmos focar a mente em qualquer assunto e assim libertarmo-nos de pensamentos negativos.

A concentração permite direcionar e manter a nossa atenção em algo específico, como a respiração, um mantra ou uma imagem. A concentração ajuda-nos a acalmar a mente, reduzindo a atividade mental dispersa e os pensamentos negativos. Ela permite cultivar um estado de estabilidade mental, onde podemos ancorar-nos e explorar a nossa experiência interna com maior clareza. A concentração, que mais não é do que a capacidade em manter a nossa atenção e não sermos arrastados por pensamentos ou distrações, é fundamental para aprofundar a contemplação e perceções sensoriais mais profundas. A concentração permite-nos direcionar e focar a

atenção em um único objeto, pensamento ou atividade específica, libertando-nos de distrações externas. Quando estamos concentrados, somos capazes de manter a nossa atenção em algo por um período prolongado, aumentando assim a eficácia e a qualidade da nossa ação contemplativa.

A contemplação envolve a observação atenta e recetiva do mundo que nos rodeia, das emoções e sensações provocadas pelo assunto em que estamos concentrados. Ela encoraja-nos a explorar profundamente os nossos pensamentos, sentimentos, sensações e perceções sem julgamento ou apegos, permitindo-nos ganhar uma compreensão mais profunda de nós mesmos e do mundo ao nosso redor.

Não é preciso grande esforço para encontrarmos uma relação estreita entre contemplação e fotografia, pois ao fotografar concentramo-nos profundamente, observamos todos os detalhes

de modo a ajustar a composição, procuramos a iluminação adequada para registar esse instante, que na maioria das vezes é fugaz. Esse processo requer uma atenção focada e uma ligação íntima ao sujeito da fotografia, que inegavelmente dá espaço para a contemplação. A contemplação ocorre quando mergulhamos profundamente na experiência visual, emocional e intuitiva que a fotografia proporciona. A fotografia combina a concentração ou atenção plena do momento presente com a possibilidade de contemplar ou explorar a visão única desse mesmo instante.

A percepção das sensações que a fotografia provoca, desde a concentração que necessitamos para a executar à contemplação que permite do que está diante de nós, são evidentes e motivadoras da vontade de fotografar, e não só, também de apreciar fotografias após a captação, nossas ou de outros fotógrafos, permitindo a oportunidade de contemplar os momentos que foram congelados no tempo, refletindo sobre as emoções evocadas nessas imagens, as histórias que elas contam e o significado que podem transmitir, permitindo uma compreensão mais profunda de nós, dos outros e do mundo que nos rodeia.

É a concentração que empregamos quando estamos a fotografar e a contemplação consciente que ocorre que nos proporciona um estado de enorme bem-estar, de tão baixa energia consumida que os nossos pensamentos quase congelam, param no tempo, praticamente se ausentam da nossa mente. É o prazer da fotografia que, estou certo, se manifesta de forma universal, transversal a todos os fotógrafos, nuns mais, noutros menos, em alguns de forma mais consciente, em outros sem sentirem relação di-

reta com estes estados de espírito.

Qual o fotógrafo que nunca se aborreceu com o tipo de fotografia que ia fazendo, que se queixou de falta de inspiração para fotografar, ou até mesmo da pouca vontade para o fazer? Certamente já ocorreu a todos nós, principalmente quando algum acontecimento menos agradável afeta a nossa estabilidade emocional. É com certeza mais fácil ultrapassar estas crises se estivermos atentos aos benefícios que a prática da fotografia consciente traz para o nosso bem-estar, pois o estado que atingimos quando fotografamos, traduzido pela concentração no assunto, a contemplação que permite e a interação sensorial com o que estamos a fotografar, até o controlo que exercemos sobre a respiração, proporcionam um estado de tão reduzida energia que praticamente se ausentam quaisquer pensamentos da nossa mente. Atingimos, assim, um estado quase meditativo e usufruímos de todos os seus benefícios.

Esta maneira de estar na fotografia poderá ter alguns pontos comuns com a corrente seguida por muitos fotógrafos, denominada de “fotografia contemplativa”, sendo a linha Miksang a que tem mais aderentes. Quem segue esta corrente emprega na fotografia a arte do Dharma, que de modo amplo refere a prática budista de arte meditativa. É muito interessante conhecermos os fundamentos destas práticas de origem oriental e são vários os artigos e livros disponíveis. A sua expressão confunde-se por vezes com arte minimalista, pois a sua procura pela percepção mais pura da realidade resulta em imagens “nuas e cruas” dessa realidade. Mas não é esta a abordagem que se pretende, é sim analisar o que primariamente nos motiva a fazer fotografia, antes de nos preocuparmos com o tipo de

fotografia que pretendemos fazer.

Quando comecei a fazer fotografia, durante a primeira viagem com esse propósito, um amigo disse-me que se continuasse a fotografar passaria a ver o mundo com outros olhos e, explicou, “vais prestar atenção a coisas e concentrar-te em pormenores que anteriormente te passavam despercebidos”. Não podia estar mais certo, pois sem o dizer, ele sabia que iria aguçar a minha capacidade de observação, que aqueles momentos em que estamos colados na ocular da câmara elevam a nossa capacidade de concentração. É onde começa a contemplação que nos conduz ao que timidamente designei de quase meditação. E digo timidamente porque, na verdade, aqueles breves segundos que por vezes são bem prolongados são momentos de extrema concentração que empregamos para contemplar a natureza, ou Deus, se entendermos que a natureza é Deus.

É assim que a fotografia emprega a concentração, para em plena contemplação alcançarmos um estado meditativo, pois tal é precisamente como as religiões ocidentais veem a meditação como um meio de ocuparmos a nossa mente para chegar a Deus recorrendo a técnicas de concentração e contemplação, enquanto que nas culturas orientais a meditação, utilizando também a concentração e contemplação, não tendo uma definição direta, pode caracterizar-se, no limite, como um estado de ausência de pensamentos. Mas em todo mundo, em qualquer cultura, em qualquer religião, em qualquer parte, meditar é acalmar a mente até ao nível mais profundo que conseguirmos. Não importa o tempo que dure, importa sim o benefício que traz. É por isso que fotografar exercitando a atenção plena faz bem à nossa saúde.



A luz é a génesis da fotografia e a nossa ligação ao mundo. Parque Natural de Sintra-Cascais, 2023

Uma galáxia de imagens.

“Estou apenas interessado na imagem e no que podes fazer com ela. Quando discutes demasiada teoria, deixas de criar imagens.” ~ Brian Eno

Texto e imagens por **Mário Pires**.

Começo este artigo de opinião com uma citação de um músico, porque gosto da infeção criativa cruzada entre as artes. Porque acredito que a criatividade natural do ser humano se pode expressar de muitas formas. Porque acredito que a inspiração pode vir de qualquer lado se estivermos atentos. Porque acredito na prática como a melhor metodologia estruturante para qualquer criador.

E em seguida quero fazer uma pergunta crucial. O que é uma imagem?

Fiz a pergunta a um simpático e caloroso *Large Language Model* (LLM) e obtive uma resposta em segundos:

“Uma imagem é uma representação visual de algo, captada ou criada com recurso a ferramentas como câmeras, espelhos, lentes, telescópios, microscópios, etc. Pode referir-se a uma fotografia, pintura ou mesmo a uma imagem mental. No contexto da tecnologia digital, uma imagem é frequentemente um ficheiro que capta uma cena visual num formato que pode ser armazenado eletronicamente e apresentado num ecrã. As imagens podem ser bidimensionais, como uma fotografia ou uma pintura, ou podem ser tridimensionais, como um holograma ou uma escultura. Desempenham um papel crucial em vários domínios, incluindo a arte, a ciência, a medicina, o entretenimento e a vida quotidiana.”

Quero aqui assinalar esta frase: “captada ou criada com recurso a ferramentas como câmeras, espelhos, lentes, telescópios, microscópios, etc”.

As imagens de Inteligência Artificial (IA) são geradas com o recurso a um sistema complexo de hardware e software, que podemos considerar uma ferramenta, mais evoluída que um software de edição de imagens, mas ainda assim uma ferramenta.

As imagens geradas por Inteligência Artificial, embora já tenham características para poderem ser tomadas como fotografias, não o são efetivamente.



A 23 de Maio publiquei numa rede social a imagem acima, acompanhada do seguinte texto:

“A Maria trabalha num pequeno restaurante em Lisboa, tem 3 filhos e vem da margem Sul de autocarro”.

A Maria não existe, foi criada por mim na plataforma *Midjourney*, mas houve quem não reparasse que era uma imagem gerada unicamente por uma descrição textual. O seu aparente realismo suscitou algumas reações de receio.

Eu percebo que possa haver esta reação quando somos apanhados de surpresa por algo a que nunca demos a atenção devida. É a clássica reação de pânico “os bárbaros estão às portas da cidade”.

Mas acho curioso que sejam os praticantes da fotografia aqueles que mais receio demonstrem

com a “invasão” das imagens IA.

Mas até é compreensível que isto ocorra, já que a fotografia foi vista desde a sua invenção no século XIX como o meio mais autêntico de representação da realidade.

A obsessão com a representação “realista” da realidade já vem da Grécia antiga, de que nos chegam histórias de como o pintor Apelles conseguia criar murais ultrarrealistas. A história da arte pode até ser vista (de uma forma extremamente redutora é certo) como um longo caminho até chegar ao meio capaz de nos retratar a realidade “como ela é”, a fotografia.

É por isso natural que os seus praticantes se sintam ameaçados e ripostem desta forma a algo que lhes parece capaz de pôr toda a gente a questionar a noção de “realidade”.

Mas muito me espanta tanta opinião negativa sobre as imagens IA, já que a fotografia sempre nos mentiu.

A fotografia é uma mentira em duas dimensões, que tem a pretensão de representar fielmente uma realidade que tem 4 dimensões.

A fotografia é obtida através de um sistema composto por vários artefactos técnicos de complexidade variável, o aparato necessário para obter uma fotografia tem igualmente muitas variáveis, e todas elas podem afetar a “realidade” de uma fotografia.

Essas variáveis incluem câmara e inúmeras lentes, filmes analógicos, sensores de captação de imagem, reveladores e fixadores, ampliadores e papéis sensíveis, algoritmos de descodificação

de dados em bruto do sensor, software de computador variado, tipo de ecrã em que as imagens são vistas e impressoras com diferentes tecnologias de impressão.

E no fim de todo estes processos obtemos “a realidade tal como ela é”?

Dá que pensar.

As acusações ou preocupações relacionadas com imagens geradas por IA normalmente giram em torno das seguintes áreas:

1. Deepfakes e Desinformação: Uma das maiores preocupações com imagens geradas por IA é a criação de *deepfakes*. Estes são vídeos ou imagens realistas que retratam pessoas reais a dizer ou fazer coisas que nunca fizeram. *Deepfakes* podem ser usados para espalhar desinformação, difamar indivíduos ou manipular a opinião pública.

Os humanos sempre gostaram de manipular outros humanos. Essa característica vai continuar a existir e esta é apenas mais uma forma de o fazer. Eventualmente isto vai democratizar um pouco mais o processo de enganar o nosso semelhante. Não é realista pensar que se vai conseguir evitar este problema a 100%.

2. Propriedade Intelectual e Direitos de Autor: Como a IA pode gerar imagens que se assemelham a obras de arte ou fotografias feitas por humanos, existem preocupações sobre a violação de direitos de autor. Em muitas jurisdições, é incerto quem detém os direitos sobre o conteúdo gerado por IA e se este infringe direitos de autor existentes.



Pessoalmente esta questão não me preocupa, tenho muitas imagens fotográficas publicadas ao longo dos anos na internet, provavelmente até alguém já fez algum dinheiro com elas sem me dar cavaco. Não gasto energia com este assunto, os direitos de autor são ignorados por 90% das pessoas e não vejo grande hipótese de isso mudar no futuro. Se vendesse imagens por milhares de euros já teria advogados a tratar dos assuntos de copyright.

3. Perda de Empregos: Com a IA capaz de produzir imagens, há o receio de que artistas, designers e fotógrafos humanos possam perder oportunidades de trabalho. Se as empresas puderem usar a IA para gerar conteúdo a uma fração do custo e do tempo, podem optar por ela em vez de criadores humanos.

A perda de empregos causada pela IA está estimada em 25%. Isto já aconteceu todas as vezes que uma tecnologia torna mais fácil e barato fazer determinada função. Não é nada de novo, com a exceção que desta vez também as profissões “criativas” se encontram ameaçadas. Não é agradável sentir que se é visto apenas como um custo e nunca como uma mais-valia, mas agora ficam a saber como os operários fabris se sentiram cada vez que eram substituídos por mais um processo de automação industrial.

4. Preocupações Éticas: A IA pode gerar imagens de pessoas que não existem. Isso levanta questões éticas sobre consentimento e uso destas imagens. Por exemplo, se uma imagem gerada por IA de uma pessoa inexistente for usada em publicidade ou media sem o seu "consentimento" (já que não existe), é ético?

Há pessoas que se preocupam em demasia com

não assuntos, eu não sou uma delas.

5. Viés e Estereotipação: Modelos de IA, incluindo aqueles que geram imagens, podem herdar vieses presentes nos seus dados de treino. Isso pode levar à perpetuação de estereótipos e representações enviesadas nas imagens que produzem.

Se somos preconceituosos, claro que os sistemas que desenhamos também vão refletir esse facto.

Se desenharmos e treinarmos os sistemas tendo em conta a diversidade de culturas presentes e passadas do mundo, essa questão pode ser mitigada.

6. Preocupações com a Privacidade: Com a capacidade de gerar imagens, há um risco potencial de recriar imagens de indivíduos reais sem o seu conhecimento ou consentimento, levando a violações de privacidade.

Ver resposta 1.

7. Autenticidade Artística: Alguns argumentam que a arte gerada por IA carece da alma, emoção e autenticidade que a arte criada por humanos possui. Acreditam que a arte é uma expressão da experiência humana e que a IA, por não ter tais experiências, não pode replicá-la genuinamente.

Esta preocupação esquece que a maior parte da arte criada por humanos também padece do mesmo mal. Por cada pintura, romance ou peça musical do passado que nos dão prazer, certamente que existiram milhares que eram desprovidas de alma, emoção e autenticidade.

Basta entrar numa livraria e ver as dezenas de romances que até nas capas parecem cópias uns dos outros para ver como este argumento não tem grande sustentabilidade.

Não foi por isso que os criadores das obras que admiramos deixaram de existir e criar.

São humanos que treinam e comandam os sistemas de geração de IA. Enquanto assim for, aqueles que souberem integrar todas as ferramentas no seu arsenal criativo, vão continuar a criar com alma e emoção verdadeiramente humanas.

8. Implicações Económicas: Se imagens geradas por IA forem amplamente adotadas em indústrias como a publicidade, isso poderia reduzir o valor do conteúdo criado por humanos, afetando o sustento de artistas e criadores.

Ver resposta 3. A indústria da publicidade já deve estar a usar estas ferramentas.

9. Dependência Excessiva da IA: Há uma preocupação de que a dependência excessiva da IA para a geração de imagens possa sufocar a criatividade e inovação humanas.

Já disseram o mesmo no passado acerca de muitos artefactos, e a realidade é que a criatividade humana só tem expandido. Mas acredito que quem vive isolado numa pequena bolha não consiga ver para além da ponta do nariz.

É importante notar que o potencial mau uso e as preocupações éticas necessitam de consideração e regulamentação cuidadosas.

Mas é igualmente importante que a legislação a

criar não seja feita a pensar apenas na proteção dos gigantes tecnológicos que estão a investir gigantescos recursos financeiros, e a dificultar ou impedir o aparecimento e desenvolvimento de pequenas e médias empresas no setor.

Mas deixemos toda esta negatividade e voltemos a falar sobre o processo criativo envolvido na criação de imagem com o apoio de sistemas de Inteligência Artificial.

De onde nada existe, apenas com o poder de fórmulas textuais, utilizando vastas quantidade de energia (necessárias para fazer os sistemas informáticos funcionar) o criador materializa o que imaginou na sua mente.

Podemos assim comparar o seu papel, com o de uma entidade criadora. E seria fácil imaginarmos-nos a encarnar esse papel como uma figura masculina.



Mas quero desde já contrariar esse viés e imaginar os criadores no papel da entidade que aparece no início de praticamente todas as mitologias pré-cristãs de criação do mundo. Uma Deusa.

Imaginem-se no papel dessa Deusa criadora, e vão imaginar então a criação de um lugar perfeito, um lugar que corresponda à vossa mundovisão, um lugar onde há harmonia, um lugar com a estética perfeita, e onde há infinitos assuntos para fotografar, que vos vão manter entretidos para toda a eternidade. A vossa versão do Jardim do Éden.

E começam por experimentar num pequeno modelo.

Esse modelo é como um pequeno esquisso, um pequeno teste antes de colocarem mãos à obra na obra-prima que vão criar a partir do nada.

Vão lançando formulas (comandos textuais) e avaliando os resultados que se materializam.

Quando um determinado modelo corresponder á imagem mental que tinham, é tempo de aplicarem o vosso poder criador no máximo das suas possibilidades, e criarem o vosso lugar mágico, aquele onde a vossa mundovisão se concretiza em pleno.

Eu visualizo todos os que criamos desta maneira, tão focados neste processo criativo, que nem notamos que vogamos no espaço, como exploradores de galáxias tão remotas que nenhum satélite ainda detetou.

Esta metáfora poética da entidade criadora retrata, quanto a mim com muita clareza, o que

fazemos quando nos sentamos a comandar uma plataforma de geração de imagens.

Mas quem achar que estes processos são fáceis e imediatos, engana-se redondamente. Para obter as imagens deste artigo foi necessário gerar cerca de 800 imagens, rara foi a imagem aqui presente que foi escolhida na primeira geração.

Há todo um *workflow* de afinação do *prompt* (descrição textual que é pedida ao sistema) que pode levar algum tempo até produzir os resultados visuais pretendidos. Há também as inúmeras imperfeições (os dedos ainda continuam a dar muitos problemas) que queremos eliminar e para tal pedimos variações ao sistema. Uma imagem final pode levar muitas passagens até chegar a uma forma que dizemos para nós: é esta!

Quando há uma intenção e um objetivo na criação, há muito trabalho efetivo a fazer.

E o mais importante na minha opinião é no domínio da linguagem.

Com estes sistemas temos de ser capazes de descrever o que queremos através da linguagem.

Para criativos visuais, isso representa sempre um desafio, para mim certamente foi.

Depois de anos a afirmar que a imagem era mais importante do que a palavra, foi um choque perceber que para dominar estes sistemas de criação de imagens, tinha de dominar a arte da escrita. Foi certamente um momento em que percebi que tinha de rever as minhas certezas, e



que estava na altura de atualizar a minha avaliação do poder efetivo da palavra.

E assim aqui estamos, a enunciar as nossas versões pessoais do comando inicial: “Fiat Lux”.

E foi desta maneira que elaborei a minha visão do jardim do Éden.



E que jardim do Éden seria o vosso?

A perfeição na imperfeição.

“Adoramos a perfeição, porque não a podemos ter; repugná-la-íamos se a tivéssemos. O perfeito é o desumano porque o humano é imperfeito.” ~ Fernando Pessoa

Texto e fotografias por **Nuno Luís**.

Mozart ou Beethoven?

Ainda que esteja intrínseco na génese humana este tipo de questões, não são de todo justas nem tão pouco honestas. No seu todo, na arte, cada artista tem a sua própria singularidade, as suas influências e o seu contexto. Sendo uma forma de expressão, complexa por sinal, fazer comparações é no mínimo reduzir a cinzas todo o processo criativo de algo identificado como arte e minimizar o próprio artista com comparações pouco benéficas.

Para os propósitos deste raciocínio irei continuar com esta comparação. Utilizei estes dois compositores, que por sinal muito me dizem, como poderia ter lançado a mesma questão com outros artistas em outras áreas da arte que não a música. São dois compositores cuja obra conheço suficientemente bem para admirar e respeitar cada um deles.

Mozart abriu-me, por assim dizer, as portas da música clássica. Para um leigo como eu, a sua música tocou-me. A melodia imposta em grande parte da sua obra não me deixa indiferente, assim como a sua suavidade e harmonia que chega a roçar o perfeito. Se a perfeição existe na música clássica, foi alcançada por Mozart.

Antes de continuar, lanço a seguinte questão: O que é a perfeição, seja na arte ou em outra área?

Continuando. Ao escutar as suas composições, Mozart desperta em mim uma sensação de bem-estar. Imagino-me em plena primavera, num dia solarengo, deitado num jardim repleto de flores. O sol quente ilumina-me o rosto enquanto fito o céu repleto de estorninhos com os seus estonteantes movimentos ondulantes. Absorvo os odores que emanam da mãe natureza, tão típicos nessa estação do ano. Que paz e leveza de espírito. O céu foi tocado.

Beethoven é, na sua essência, musicalmente falando, o oposto de Mozart. As suas composições são mais turbulentas. Na sua obra não vislumbro a melodia e harmonia do seu homólogo austríaco. Tão pouco me soa a algo imaculado e que aos meus ouvidos soe a perfeito. Há uma inquietude latente que paira no ar. O meu imaginário transporta-me para o alto mar, navegando num frágil veleiro, rodeado de enormes vagas de ondas, sem saber muito bem qual será o desfecho. As emoções estão mais à flor da pele e a incerteza paira no ar. A sensação de perfeição desvanece-se quando escuto a sua música.

Por definição, perfeição significa algo como “condição ou estado do que não apresenta falhas, incorreções ou defeitos”. Por seu lado, o significado de imperfeição é “a falta de perfeição, ou seja, a presença de características, elementos ou qualidades que não se enquadram num padrão ideal”.



Recantos de uma vida I. Cabo Sardão, 2023

Escusado será referir que estamos a falar de dois conceitos abstratos, porém esta dicotomia entre perfeição e imperfeição é, no fundo, o principal alimento do mundo das artes. O artista procura maioritariamente a perfeição, ainda que com a evolução do próprio comece a surgir a ideia de ser algo inatingível. No entanto, é essa busca quase vã pela dita perfeição que tem permitido a arte evoluir ao longo dos anos. Se essa evolução é em direção à perfeição, cabe a cada um de nós argumentar, uma vez que estamos a falar de conceitos abstratos. A própria vivência e existência de quem cria arte é marcada pelas falhas inerentes ao ser humano. Convém lembrar que o conceito de perfeição, no mundo real e não no teórico, não é tão lato como a descrição encontrada no dicionário. Na verdade, e na arte em concreto, não é mais que um conjunto de regras, ideais e convenções que ditam a “perfeição”. Será a perfeição como a conhecemos, assente num conjunto de regras e pressupostos, um conceito castrador para a expressão artística?

Voltando ao tema dos dois compositores. Tenho uma certa predileção pela música de Beethoven. Esta preferência, chamemos-lhe assim, aos meus olhos não deixa de ser contraditória. De acordo com a minha percepção, Mozart, nesta sua disputa por mim trazida a estas linhas, é quem roça a perfeição. Eu sou humano e como tal, apesar da incessante procura pela perfeição, a imperfeição nas artes pode e deve ser vista e entendida como uma representação da própria condição humana. Um reflexo de quem nós somos e da nossa própria essência. Ninguém ou nada é perfeito, até que nos apaixonemos, por alguém ou por algo. Eu apaixonei-me pela música de Beethoven e é precisamente essa pai-

xão que me faz ter esta ligeira inclinação por aquilo que considero ser menos perfeito. A música de Mozart deixa-me, por assim dizer, satisfeito. Tenho a sensação de estar saciado. Beethoven não me transmite esta sensação, pelo contrário.

De um ponto de vista meramente filosófico penso que a “perfeição”, para o ser humano, é um apaziguador de emoções. A “imperfeição”, por seu lado, é associada a autenticidade e funciona como um catalisador de emoções fortemente genuínas. A arte, em toda a sua latitude, não é mais do que uma extensão dessa imperfeição. Aquilo considerado como “não perfeito”, em mim, tem o condão de me fazer refletir.

Afinal o que procuramos? A perfeição ou o aprimorar da imperfeição?

Confesso que falar de “perfeição” e “imperfeição” de forma leviana, deixa-me irrequieto, como se fosse algo mensurável, quando na verdade é tão abstrato, que varia de indivíduo para indivíduo. A busca pela perfeição é a meu ver absurda e pode funcionar como um elemento castrador no momento da criação artística.

A mundialmente famosa série “Nenúfares”, de Monet, é considerada uma das suas obras-primas. Esta série é igualmente um exemplo de como o pintor captou a perfeição na imperfeição. Só de ler esta frase, fico com pele de galinha.

Pinceladas não detalhadas e visão subjetiva dos elementos e formas são algumas das “imperfeições” encontradas nesta série do pintor francês. Serão efetivamente imperfeições, ou apenas o ir em sentido inverso a regras convencionais exis-

tentes na arte, neste caso na pintura, colocando de parte conceitos enraizados?

Mesmo com estas ditas “imperfeições”, é uma obra aclamada! Teria esta série de pinturas o mesmo impacto se fosse considerada “perfeita”, com uma visão objetiva dos elementos e formas, com pinceladas bem definidas? Mais perto da tal “perfeição”, mais longe da aclamação! As regras da “perfeição” foram quebradas por Monet de forma ousada e que, no fundo, são uma das imagens de marca do impressionismo.

É a subjetividade patente nesta sua obra que nos faz olhar, apreciar, admirar e pensar o porquê das suas opções. O ser humano é imperfeito e cada artista tem o poder e a liberdade de fazer a sua própria interpretação da imperfeição. Monet, como tantos outros, retratou na perfeição a imperfeição da sua própria interpretação artística de forma disruptiva com o que eram os valores académicos da pintura à época.

Afinal, existe perfeição na imperfeição?

Afirmo que sim. E como é bela essa imperfeição tão perfeita. A bem da verdade, existe uma forma de perfeição intrínseca nas características imperfeitas ou únicas de uma obra de arte. Em vez da incessante procura pela perfeição, idealizada e estereotipada, é precisamente encontrada uma beleza e um significado profundo na imperfeição.

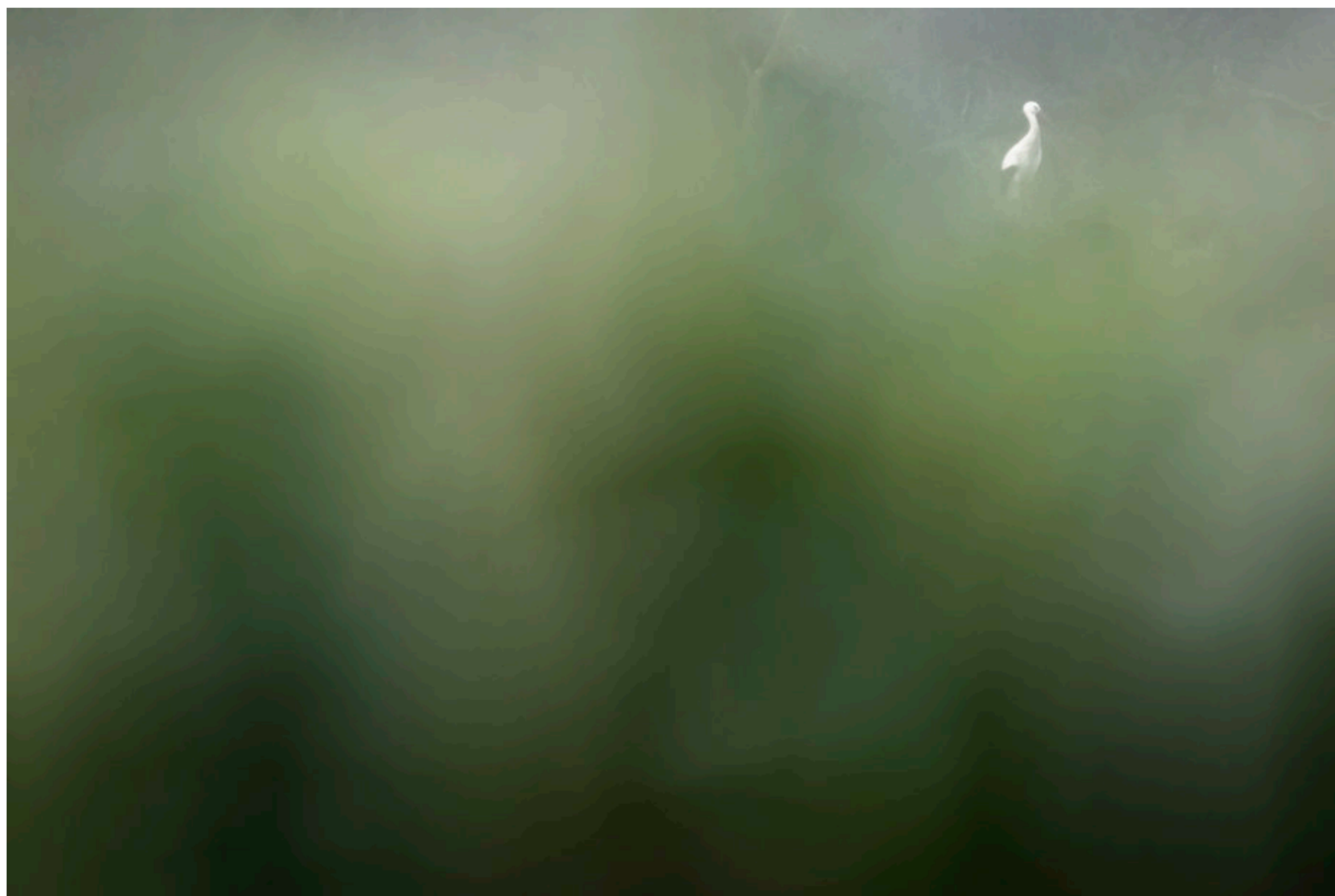
Ao afirmar que determinado artista roça o perfeito não estou a fazer mais que emitir o que identifico como perfeição, mesmo quando me refiro a artistas conceituados e aclamados. Por certo que muitos dos que leem estas linhas não se revêem na obra de Mozart ou Beethoven, ou

podem inclusivamente discordar de eu considerar a obra de Mozart mais perfeita que a de Beethoven. Um diálogo deste tipo teria obrigatoriamente de passar pelo refinamento do próprio conceito de “perfeição”.

A inovação que se tem assistido nas artes ao longo dos séculos está intrinsecamente ligada com a imperfeição reconhecida no ser humano.

A procura incessante pela inovação artística surge da necessidade de explorar novas formas de expressão, experimentação e superação de limitações. Aceitar a imperfeição na arte é meio caminho andado para a libertação de dogmas implantados em busca da liberdade de expressão, mesmo que o resultado esteja longe do perfeito.

A perfeição na imperfeição é uma caminhada constante que, a meu ver, tem como objetivo final, não a perfeição, mas sim a própria evolução da arte. Qualquer amante de arte, ao admirar pinturas com pinceladas não detalhadas, esculturas com formas únicas ou músicas com acordes fora do comum, não está mais que a celebrar a perfeição da imperfeição no ser humano.



Recantos de uma vida II.
Lousal, 2023

Onde a terra acaba e a fotografia começa.

O mar, o que na Terra será o que lhe é mais imutável, é, ao mesmo tempo, o elemento da paisagem que mais surpreende pelas suas infinitas possibilidades, pela forma como, no que parece um contrassenso, nunca se repete a si próprio. Há lá coisa mais fascinante para um fotógrafo que gosta de retratar a paisagem?

Texto e fotografias por **Ricardo Salvo**.

“[O Mar] é um imenso deserto onde o Homem nunca está só, porque sente a vida a fluir ao seu lado” ⁽¹⁾. Esta é uma das conhecidas citações do Capitão Némo, personagem âncora das “Vinte Mil Léguas Submarinas” de Jules Verne que personifica o admirável fascínio do escritor francês pelos oceanos. Da literatura à pintura e, naturalmente, à fotografia, o mar é um elemento quase omnipresente, o que se explica pelo estímulo ao mistério, à curiosidade e às emoções humanas que sempre incutiu. Ainda que mais de 500 anos tenham já passado sobre o tempo em que os oceanos eram um imenso vazio que

marcava o fim do mundo, ainda hoje a paisagem marítima é um dos grandes motores da fantasia e imaginação nas numerosas formas de arte.

É neste contexto que me sinto privilegiado. Tenho, desde que me lembro, uma relação de paisagem com o mar que marca indiscutivelmente um dos meus alinhamentos com a fotografia. A minha ligação à costa Oeste de Portugal enquanto zona de férias desde a infância – e que ainda se mantém – fez da paisagem entre São Pedro de Moel e Peniche um campo de de-

envolvimento do ato de fotografar nos meus primeiros passos com uma câmara fotográfica nas mãos. Estes palcos naturais concederam-me um autêntico laboratório de experimentação e aprendizagem. Aquilo que era (e ainda é) um dos maiores infortúnios dos veraneantes por estas paragens, o microclima proporcionado pela costa virada a oeste-noroeste a norte da Serra do Montejunto que nos oferece céus cinzentos e nevoeiros frequentes, deu-me armas para me apaixonar viciantemente pela fotografia de mar no seu lado mais misterioso e afastado da típica fotografia de família na praia para



Praia do Magoito, Sintra.

pôr na porta do frigorífico.

Nascido e criado em Lisboa, rapidamente tentei expandir as minhas experiências de fotografia de mar com a salutar proximidade à orla de costa Sintra-Cascais, mantendo permanente uma experimentação que quase 40 anos após os primórdios está ainda longe de se esgotar. E os meus privilégios do acaso geográfico onde calhou ter nascido e estabelecer vida não terminam por aqui – depois de ter já percorrido toda a fronteira portuguesa com as terras de ninguém, do Minho a Vila Real de Santo António, posso dizer que tenho à minha disposição das paisagens de mar mais inspiradoras que vi entre todas as costas onde estive. É na costa portuguesa (e não só) que sei que ainda tenho para encontrar um imenso desconhecido fotográfico que me empreendo desvendar ao longo dos anos que terei pela frente.

Esta poderia ser quase uma redação de escola primária que começaria por “Eu gosto muito do mar porque...”, e a verdade é que não andaré muito longe disso. É um artigo de partilha de prazer e de uma quase justificação desobrigada para o mar ser o elemento mais recorrente quando faço fotografia de paisagem natural e porque mantenho uma coleção de evolução permanente, a *finis terrae*, que é uma das que mais consolo me dá ao visitar os meus portefólios.

Numa recente exposição que fiz em Ovar numa mostra selecionada de trabalhos da *finis terrae*, uma das perguntas que me dirigiram durante a apresentação de abertura foi o porquê do mar, o que nele vejo, e como fujo à banalização na interpretação fotográfica que dele faço. O facto de já me ter colocado as mesmas questões facilitou-me a resposta. É aqui que entra o meu con-

ceito de câmara fotográfica enquanto a máquina do tempo mais fascinante que o Homem construiu – conceito que quereei explorar em artigo futuro. O mar funciona como um organismo vivo que nunca se repete, e só com a fotografia se consegue materializar aos olhos do ser humano o espaço percorrido pelas suas texturas, movimentos e formas num determinado espaço de tempo. Costumo dizer na brincadeira que a fotografia é uma espécie de varinha mágica da quarta dimensão, a do espaço-tempo, que através da mecânica da câmara permite tornar visível o invisível.

Nos movimentos da água e do fogo é onde a entropia do universo mais se exhibe, a tal que o físico alemão Einstein apontava como um dos fatores impeditivos de viajarmos no tempo (exceto para quem empunha uma câmara fotográfica, digo eu). A liberdade de movimentos destes dois elementos é total, de uma aleatoriedade admirável. Se tomarmos como exemplo uma fotografia com um tempo de exposição de dois segundos de interação entre o mar e uma rocha, todas as texturas, todas as formas e movimentos que da água e da sua espuma resultarem durante esse intervalo de tempo ficam condensadas num caos estático e bidimensional em uma imagem. Isto traz-nos o inesperado de uma forma absolutamente fascinante a cada disparo da câmara, criando um imprevisível dentro do previsível que suporta a nossa intenção artística – a do fotógrafo. Para quem fotografa, é uma dança, um turbilhão que responde a uma emoção, é uma janela para o irreal que afinal é real (porque tudo o que está naquela fotografia aconteceu mesmo, nada é inventado pelo fotógrafo) e uma fenda para uma magia que interpreta a natureza na sua forma mais livre. Para

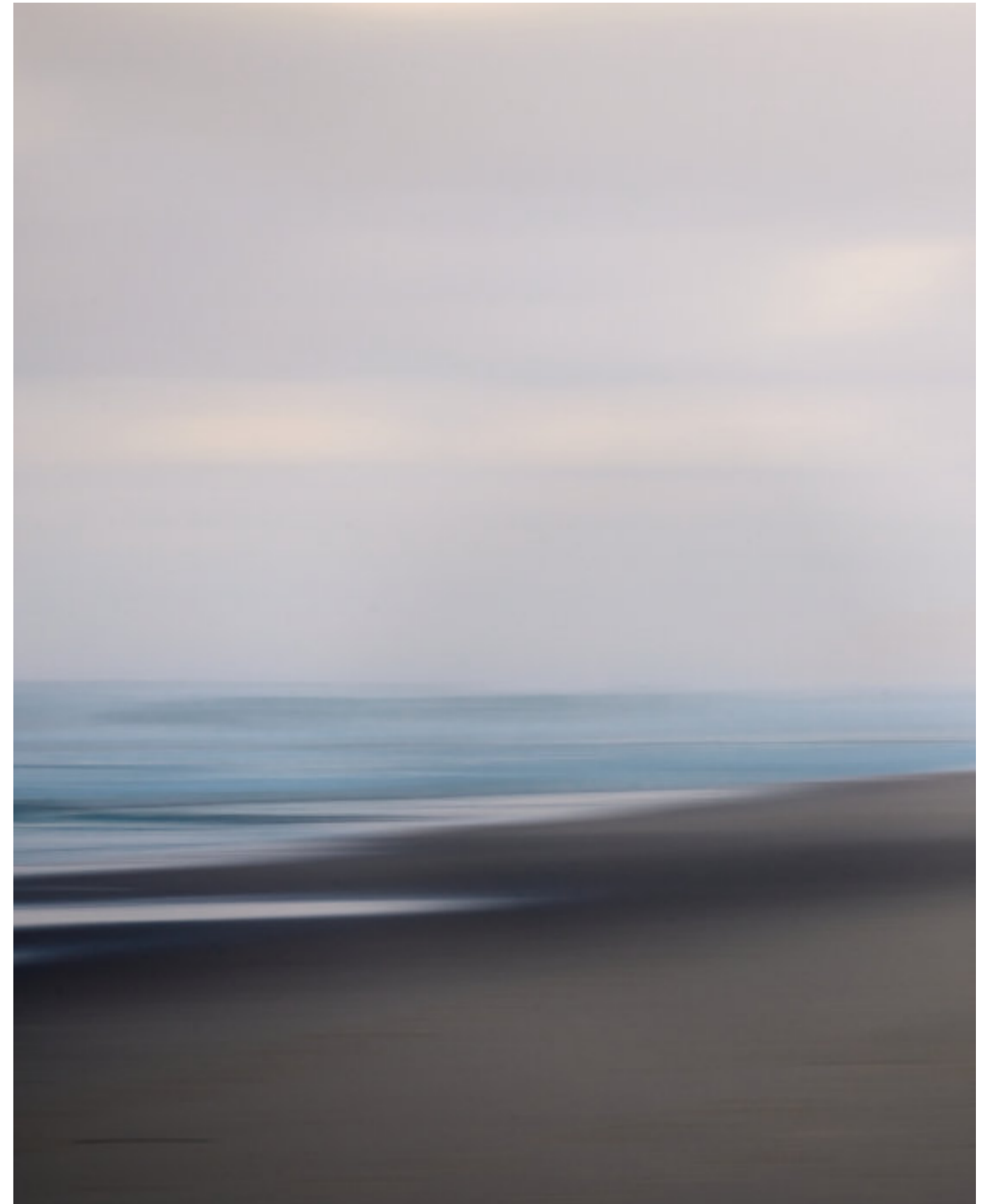
quem vê a fotografia pode ser um mundo de coisas, pode-se imaginar o que se quiser, pode-se ver ali o mar ou não ou, simplesmente, abrir-se o inesgotável mundo da pareidolia.

O que partilho convosco em complemento a este artigo são algumas das fotografias de mar que mais me deram prazer, tanto no ato de fotografar como no resultado. Em qualquer destino ou paragem que tenha mar, em Portugal ou não, sei que tenho razões para me entregar à busca da magia e da imaginação que me proporciona através da fotografia. E o outrora fim do mundo antes dos grandes navegadores é e será sempre para mim o princípio de um novo universo com um imenso infinito para explorar. E quem quiser que me siga nessa viagem, é por quem o fizer que eu fotografo.

(1) «*C'est l'immense désert où l'homme n'est jamais seul, car il sent frémir la vie à ses côtés*» in *Vingt Mille Lieues Sous Les Mers*, de Jules Verne, obra de 1869.



Praia do Norte, Nazaré.



Praia da Estrela, Óbidos.



Praia do Magoito, Sintra.

Corpos Simbióticos.

Ensaio.



Corpos Simbióticos.

“Do grego Sym: junto + bios: vida, simbiose refere-se às relações entre organismos que vivem ou cooperam com outros.[...] Simbiose é um termo que se aplica a relações entre dois organismos, que geralmente, têm ligações físicas entre si[...]” ~ Moreira, C., (2014) Simbiose, Rev. Ciência Elem., V2(1):102

Texto e fotografias por **Mónica Brandão**.

Tudo começou com um pensamento acerca da natureza que me rodeia. Como seria a experiência de fazer parte desta árvore ou daquela flor, como numa relação simbiótica? Essa curiosidade fez-me querer explorar outras formas de contacto com a natureza.

Fui observando o espaço ao meu redor, em busca de árvores, plantas ou outros elementos que fizessem sentido numa abordagem simbiótica. À medida que fui encontrando elementos, como troncos ocos, árvores partidas, árvores de fruto, entre outras plantas, fui explorando uma relação de simbiose entre natureza e corpo. Sendo a árvore o hospedeiro, que serve de abrigo e proteção ao ser com o qual se relaciona.

Na minha experiência enquanto observadora e ser integrante das relações simbióticas retratadas, exalto a experiência sensorial, resultante da conexão do corpo com a natureza. O cheiro a madeira envelhecida que emanava de dentro do tronco. A textura áspera da casca da árvore. O musgo aquoso. A fria folhagem em contacto com a pele. A visão sombria do interior da árvore. As cócegas provocadas pelas formigas.

Esta experiência simbiótica com a natureza não termina nestas fotografias. Prolonga-se para além delas, fora do ecrã do computador e do telemóvel. Fora da lente da máquina fotográfica.

P.S. Agradeço a quem se disponibilizou a embarcar comigo nesta aventura fotográfica.

As fotografias têm nomes de ninfas da mitologia grega, relacionadas com a natureza.



Hamadriades



Epimélides











Crisopeleia



Hespérides

Fluxos de mim.

Manteigas, 2023

Texto e fotografia por **Miguel Serra**.



Nesta minha quarta participação na rubrica “Por detrás da imagem” trago-vos algo completamente diferente do que tenho vindo a apresentar. Um estilo onde a subjetividade e a criatividade não têm fronteiras.

Uma fotografia captada no dia 1 de maio de 2023, no Rio Zêzere, num pequeno troço no lugar da Várzea, em Manteigas, onde o fluxo da água passeia tranquilamente nesta época do ano. Um registo que carimba o início da série “Fluxos de mim”.

Para além das imagens já realizadas no âmbito deste conceito, fica o compromisso de realizar outras abordagens com correntes mais velozes, após a regular precipitação durante as estações do outono e inverno.

Depois de ter investido algum tempo na construção deste tipo de imagens, surge casualmente a descoberta de um portefólio fotográfico que de alguma forma alimentou significativamente o meu ímpeto e que merece aqui uma menção.

Como considero que contemplar bons registos fotográficos pode ser um bom princípio na acomodação da nossa inspiração, rapidamente fiquei deslumbrado com a linguagem visual do fotógrafo [TJ Thorne](#), nomeadamente no que concerne ao estilo destas imagens.

O meu entusiasmo pelo trabalho deste autor, que cresceu na zona rural da Pensilvânia (EUA), levou-me poucos dias depois a adquirir a sua obra sob o título “Ebb and flow”, que integra 100 fabulosas fotografias do género, registadas entre 2018 e 2021, nos estados da Califórnia, Oregon, Utah e Washington.

Para além de tudo isto, a obra encerra-se numa belíssima impressão, com acabamento de capa dura e dois textos de abertura dos fotógrafos William Neill e Alex Noriega, numa chancela da Platanus Editions.

Composição

A divisão diagonal marca vincadamente a imagem, onde o traçado do movimento da água impõe dinamismo. Do lado esquerdo, uma componente homogénea. Do lado direito, a rocha submersa no fundo do rio consegue incutir uma face mais irreal à cena.

As linhas brancas são o reflexo da luz solar na água, num efeito causado pelo movimento do caudal do rio em harmonia com a velocidade de obturação usada.

Dicas

O movimento e a profundidade das águas cristalinas dos cursos de água podem proporcionar resultados surpreendentes, abstratos e muito ele-

trizantes. Imagens do género comprovam que posso ser criativo a qualquer hora do dia.

Para além da técnica empregue, múltiplas são as variantes para a concretização deste tipo de fotografia, nomeadamente: a intensidade e a orientação da luz, bem como o movimento e a agilidade do fluxo da água.

Uma descoberta de formas e cores que o movimento da água revela subtilmente. Razões mais que suficientes para me manter à tona da água, quanto mais próximo do sujeito melhor.

Pós-processamento

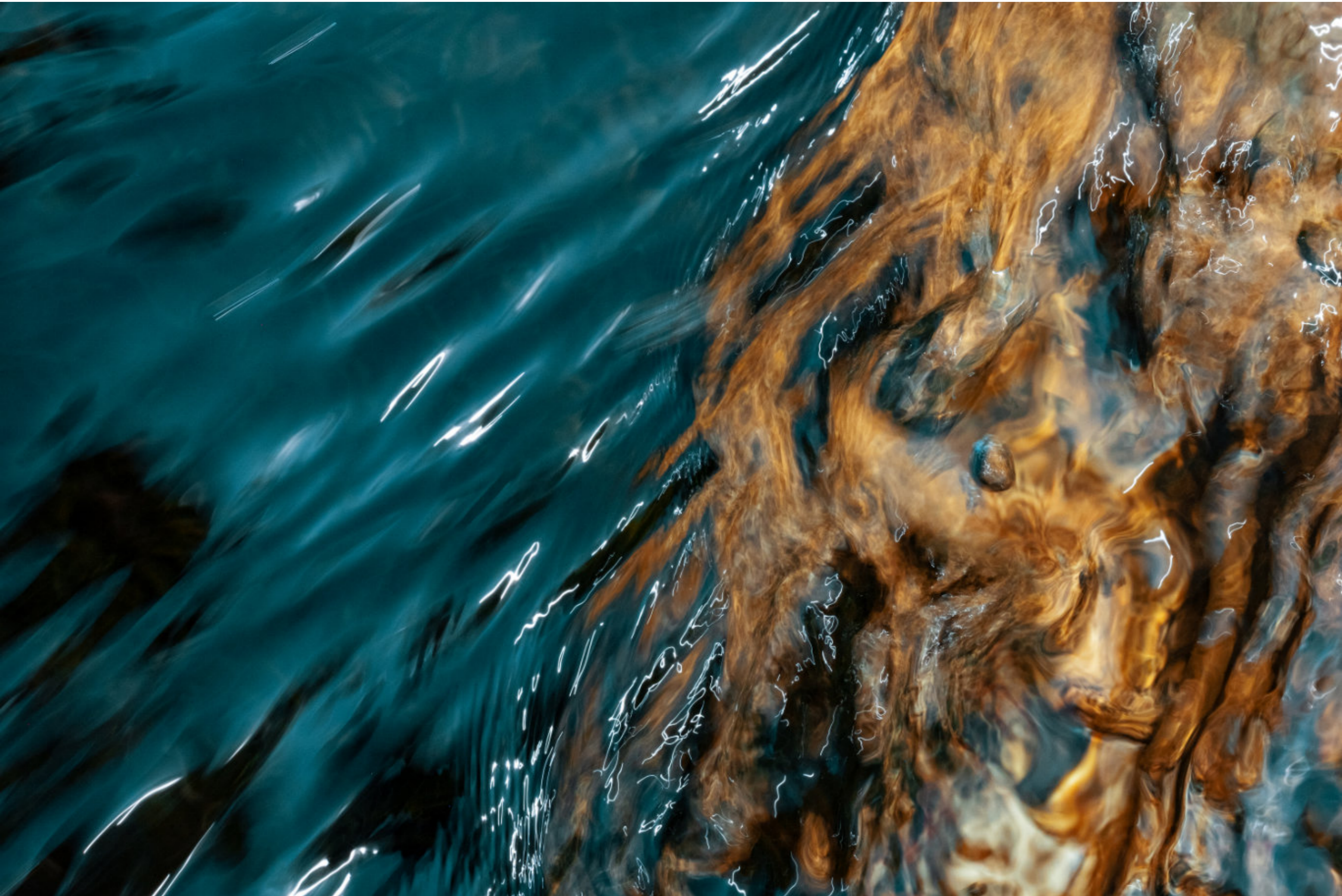
Este tipo de imagem ganha em função do coeficiente da imaginação do fotógrafo no momento do registo, mas igualmente no ato do processamento. A liberdade na edição do ficheiro faz parte integrante do processo de criação da obra.

A fotografia em concreto sofreu alguns ajustes, nomeadamente ao nível da tonalidade das cores quentes e frias.

Inicialmente no Adobe Camera Raw[®] resolvi começar por subir consideravelmente a exposição em 1,5 stop, aumentar os realces, assim como reforçar as sombras e os brancos.

Posteriormente, em ambiente do Photoshop[®], na cor seletiva, optei por alterar a ambiência do azul, adicionando mais percentagem de magenta e amarelo e, por outro lado, na tonalidade amarela, aumentar ainda mais os tons quentes e atenuar a predominância do azul.

Pág. anterior e seguinte:
Fujifilm X-T4
XF 80mm F2.8 R LM OIS WR Macro
1/125s a f/16, ISO 400, 80mm
Sem tripé.



A razão.
Temos mesmo que nos limitar a ver o mundo sempre pelo mesmo retângulo?



A razão.

Temos mesmo que nos limitar a ver o mundo sempre pelo mesmo retângulo?

Texto e fotografias por **Mário Cunha**.

Neste artigo abordamos um assunto que penso que passa ao lado da maioria de nós, talvez porque muitas vezes nem nos lembramos que temos esta opção. Quando olhamos pela ocular ou para o ecrã da nossa câmara fotográfica o que temos é, quase invariavelmente, um retângulo, em alguns casos pode ser um quadrado. No entanto, a razão entre o comprimento e a altura desse retângulo mantém-se para muitos imutável ao longo do tempo e nem questionamos se podemos ou devemos alterar essa razão (daqui em diante denominado formato). Na maioria das câmeras digitais hoje em dia o formato é de 3:2, mas iremos desenvolver este assunto um pouco mais à frente. Provavelmente a única altura em que nos desviamos deste formato é quando criamos uma imagem panorâmica. E porquê? Talvez porque queremos incluir uma

grande parte da paisagem que se encontra diante de nós, dando uma sensação de espaço e expansão muito maior. Estas panorâmicas podem também ser verticais aumentando a sensação de altura ou verticalidade.

Vamos voltar um pouco atrás no tempo. Na era do analógico, da qual eu não fiz parte, quando se escolhia uma câmara fotográfica ficávamos “limitados” ao formato do negativo. Câmeras analógicas de 35 mm têm normalmente um formato de 3:2, câmeras de médio formato 4:3 ou 1:1, depois existem exceções como a Hasselblad® Xpan, uma câmara panorâmica, que fotografa apenas com um formato de 1:2.7, e também podemos encontrar outras com 1:1 e 5:4. No entanto, hoje em dia, com o acesso a câmeras digitais, temos a sorte de apenas com uma

câmera poder alterar no terreno o formato da nossa fotografia. Hoje o mais comum é termos um formato de 3:2, no entanto há exceções. As câmeras com sensores micro-quatro terços da OM System® e Panasonic®, e de médio formato da Fujifilm® possuem um formato de 4:3. Se temos toda esta flexibilidade, por que é que muitos de nós não experimentam fotografar com diferentes formatos?

As razões que eu conheço quando falo com outros fotógrafos é estarem habituados a 3:2 ou porque sempre que alteramos o formato na câmara estamos a fazer um corte e portanto vamos perder resolução. Duas justificações que podem ser válidas. No entanto, vamos agora falar das consequências a nível estético, emocional e da mensagem que as nossas fotografias

transmitem quando alteramos o seu formato. Quero alertar que na maioria das câmeras o corte feito na câmera não é definitivo, podendo ser recuperado no ficheiro RAW durante o pós-processamento. No entanto, pelo menos até há pouco tempo, as câmeras Nikon® faziam um corte definitivo, sendo que a informação era excluída mesmo dos ficheiros raw. Certifiquem-se de como é que a vossa câmera se comporta nestas situações antes de utilizarem esta ferramenta. Também é importante dizer que a alteração do formato é algo bastante utilizado no cinema; até durante o mesmo filme. O formato é alterado para ampliar as sensações ou emoções que determinada cena pretende transmitir. Podem ver alguns exemplos disto num vídeo que partilhei há algum tempo no meu [canal de youtube](#). No final, como sempre, deixo que sejam vocês a decidir se um hábito ou perda de resolução são justificações suficientes para estarmos, na minha opinião, a limitar a nossa criatividade.

Relembro que aqui apenas vou falar da forma como vejo e sinto, nada disto tem de ser transversal a todos nós (na verdade espero que não o seja).

Vou começar por falar um pouco dos motivos que me fazem utilizar o **formato 1:1**. Aqui temos um quadrado e consequentemente todos os lados são iguais. É um formato que penso que pode transmitir calma, equilíbrio e intimidade, especialmente quando nos focamos apenas num sujeito (imagem à direita). No entanto, dependendo do espaço negativo que deixamos em redor do nosso sujeito pode ser também um formato utilizado para criar um sentimento de claustrofobia em que o espaço escasseia e criamos alguma tensão. É importante darmos muita atenção ao espaço entre o sujeito e os limites da



Ilha da Madeira, 2022

nossa fotografia já que isto pode alterar a mensagem de uma forma tremenda. Na verdade isto aplica-se a todos os formatos que irei descrever de seguida. Apesar de adorar a sensação de intimidade que pode ser criada com o formato 1:1, está longe de ser o que mais uso, talvez devido aos sujeitos que mais me atraem: montanhas e árvores. Ambos precisam de espaço, tanto horizontal como vertical, pelo menos da forma que eu os vejo.

Apesar de não serem muito comuns hoje em dia, os **formatos 4:3** e **5:4** são os que mais me agradam. Conseguem manter a sensação de intimidade que tanto gosto do 1:1 mas possuem espaço lateral ideal para fotografia de detalhes numa paisagem (imagem 5:4) ou até fotografia de bosque, no sentido em que consegue acomodar tanto a verticalidade de uma árvore mas também a extensão dos seus ramos laterais (imagem 4:3). Se esta última imagem tivesse sido feita a 1:1 iríamos perder a capacidade de compreender a extensão dos ramos laterais da árvore, assumindo que a porção vertical da imagem era igual, ou seja, incluímos exatamente a mesma parte do tronco central. O 3:4, versão vertical do 4:3, é também algo que uso quando pretendo fotografar na vertical. O 3:2 e 16:9 criam uma sensação de verticalidade que para mim são em demasia, talvez porque também começam a criar alguma instabilidade. E o 3:4, como podem ver na imagem 3:4 (Ilha da Madeira, 2022), é suficiente para mostrar o poder de uma montanha vertical.

Pessoalmente já incluo o **formato 3:2** como sendo panorâmico, assim como o **16:9**. São formatos fantásticos para retratar grandes paisagens dando uma sensação de expansão e grandiosidade. Apesar de o formato 3:2 ser o mais

comum (imagem 3:2) é um formato com o qual nunca senti uma grande empatia, mas adoro o 16:9. Este último, para além de criar uma grande sensação de expansão em grandes paisagens, pode ser também utilizado, assim como outros formatos panorâmicos, para passar um sentimento de solidão e isolamento, como se pode ver na imagem 16:9 (Picos da Europa, 2023), devido à presença de espaço negativo.

Como sempre estes artigos servem para vos dar algo em que pensar e experimentar, pois acredito que só assim conseguimos criar imagens que representam a nossa natureza pessoal. Procurem no menu das vossas câmeras e experimentem, vão ver que utilizar esta ferramenta no terreno vai ajudar-vos a simplificar, compor, dar ênfase ao vosso sujeito e passar melhor a mensagem que pretendem com a vossa fotografia.

Para terminar deixo ainda algo mais para vos ocupar a mente. Será que temos que fotografar sempre utilizando uma forma geométrica com 4 lados, mais propriamente, quadrado ou retângulo? Por que será que há pinturas ovais mas não vemos fotografias nesse formato? Porque não figuras geométricas irregulares? Será muito ousado?



Imagem 5:4. Serra do Gerês, 2020



Imagem 4:3. Serra do Gerês, 2022



Imagem 3:4. Ilha da Madeira, 2022

Pág. seguinte: Imagem 3:2. Serra do Gerês, 2020





Imagem 16:9. Picos da Europa, 2023

O elefante cor-de-rosa.

O elefante cor-de-rosa.

“Comprometo-me a fotografar durante um ano sem o uso da cor, a explorar novas técnicas de produção e edição e a partilhar os sucessos e os fracassos. Para tal poderei usar todos os equipamentos ao meu dispor sem restrições. As doces cores da primavera não serão uma tentação e no outono não me deixarei levar pelos vermelhos ardentes do pecado colorido!” ~ **Tiago Mateus** *in Perspetiva 08, Março 2023*

Texto e fotografias por **Tiago Mateus**.

Não há como escapar ao elefante na sala, este quarto artigo da minha viagem monocromática tem uma imagem a cores! Apesar de parecer péssimo, não vamos dramatizar, mais adiante explicar-vos-ei como tudo aconteceu, o que isto significa para este desafio e o que vai acontecer daqui para a frente depois desta minha fraqueza momentânea. Para já vou levar-vos ao ponto alto desta viagem monocromática, literalmente.

O final da primavera representa para muitos fotógrafos de paisagem o final da época fotográfica. Pelo menos para mim, a aproximação do verão é uma altura de alguma ansiedade, que geralmente dá origem a uma quebra criativa e

ao início da já habitual depressão do verão.

Nesta estação, são raros os dias em que tenho as condições meteorológicas que tanto gosto de fotografar e, inevitavelmente, a criatividade cai a pique. Os dias longos, as infinitas horas de sol e o calor infernal obrigam-me a uma paragem forçada. Por isso neste final da primavera decidi pôr a carne toda no assador e fazer uma viagem memorável para terminar a minha época fotográfica em grande! Tal como os esquilos, que armazenam as bolotas para se alimentarem durante o inverno, o meu objetivo era regressar desta viagem com os cartões de memória cheios de fotografias e filmagens, em quantidade sufi-

ciente para sobreviver ao longo período do verão fechado na toca a editar. Bastava agora escolher o destino.

A minha montanha

Nesta viagem monocromática ainda é cedo para fazer um balanço e perceber o que mudou na minha fotografia, mas há algo que está a mudar em mim. É algo difícil de descrever, contudo, sinto que está relacionado com este desafio. Acho que essa mudança começou na minha última viagem à Serra do Gerês, sobre a qual escrevi no último artigo da revista, “Dia 116. Gerês Negro”. Nessa viagem, no início de maio, fiz

algo que nunca tinha feito, subi a serra sozinho. Sei que é algo completamente desaconselhado, mas penso que foi nessa incursão ao “Gerês negro” que encontrei aquilo que agora chamo ‘a minha montanha’.

Para encontrar a minha montanha caminhei só, fotografei só, demorei exatamente o tempo necessário, não foi preciso esperar por ninguém no trilho que eu mesmo escolhi. Lá no alto, subi até onde me apeteceu, não tive de ir atrás de ninguém, não me importei de não chegar ao cume porque não era esse o meu objetivo. O ponto final da subida, quando sabemos onde queremos ir, é apenas o ponto onde voltamos para trás. Foi no meio daquela doce solidão, no meu cume, que encontrei mais um pedaço de mim, a minha montanha. A minha montanha não é feita de pedra, é feita de trilhos e é feita de mim. Nela encontro os meus limites, a minha insegurança, mas também a minha paz e a minha arte. Nada no nosso percurso artístico acontece por acaso. Isto que me aconteceu pode ter uma explicação bem lá para trás...

Recuando dez anos, em 2013, um Tiago Mateus com trinta e um anos, com mais cabelo e que pouco ou nada percebia de fotografia, decidiu comprar um telemóvel novo. Um Nokia N8, com doze megapíxeis e lente Carl Zeiss Tessar, para documentar a sua primeira viagem aos Picos de Europa. Mesmo sem uma máquina fotográfica, que também não saberia usar, documentou durante nove dias, em fotografia, o acampamento, as caminhadas e todos os locais turísticos que visitou; a Fuente Dé, a Rota do Cares, sem esquecer o sítio de que mais gostou, os lagos de Covadonga no maciço de Cornión. Nessa viagem fez centenas de fotos que conti-

nuam a ocupar um cantinho especial no seu coração, pedaços de história extremamente importantes que marcam o momento em que descobriu o prazer que sente ao fotografar a natureza. Mesmo sabendo hoje que em termos artísticos são fotografias de pouco valor, estas foram o início de uma paixão que só tem crescido ao longo destes anos, e cuja semente foi plantada naquelas montanhas de calcário.

‘A viagem monocromática’ é um ponto de viragem na minha vida de artista e era extremamente importante regressar à origem, à minha montanha, antes que a depressão do verão atacasse novamente.

A viagem

Qualquer grande viagem começa sempre com a preparação de uma grande mochila, esta não foi exceção. Dezasseis quilos de casa às costas. Três mudas de roupa, um casaco de penas, umas calças e capa impermeáveis, chinelos, um saco cama, um kit de primeiros socorros, um apito, um *powerbank*, um carregador, os mapas em papel, o canivete, não esquecer os amuletos e, claro, como um bom português, enlatados, pão de forma, presunto, queijo, alcagoitas, fruta e água. Ah! Já me esquecia, a máquina fotográfica, duas baterias, duas lentes, uma de zoom normal de 17-70mm e outra teleobjetiva de 70-300mm, um microfone e o tripé!

Após perceber como acomodar o material fotográfico numa mochila de montanhismo de tal forma a estar acessível, peguei em mim e na mochila e fiz-me à estrada. Oitocentos e cinquenta quilómetros de expectativa e saudade até ao destino onde iria caminhar, mais uma vez, sozinho durante cinco dias consecutivos! O

maravilhoso, enevoadado e trovejante Maciço de Cornión no Parque Nacional dos Picos de Europa em Espanha!

O meu primeiro dia de caminhada começou demasiado tarde, algumas horas depois da hora de almoço. Após longas horas atrás do volante e acrescentando a diferença horária espanhola, iniciei a subida até ao primeiro abrigo de montanha a 1400 metros de altitude com algum medo e nervosismo. Não conhecia o trilho de nove quilómetros, o topo da montanha estava tapado e não sabia se iria encontrar neveiro antes de chegar ao abrigo. Mesmo assim, como ainda tinha muitas horas de luz, decidi subir, pois voltar para o carro seria sempre uma hipótese. Os níveis de ansiedade eram elevados e por isso apenas fiz apenas duas ou três fotografias num pequeno bosque a cerca de uma hora do carro. A partir daí, não parei mais até chegar ao abrigo onde iria pernoitar. Ainda bem que tive medo, pouco após chegar ao abrigo começou a trovejar e quase imediatamente os céus negros descarregaram uma quantidade de granizo como nunca vi durante mais de meia hora. Não consigo imaginar como seria ter sido apanhado por aqueles projéteis a meio do caminho. A luz já não voltou, mas a montanha ficou totalmente coberta por um manto branco de gelo, que seria a cereja no topo do bolo para as fotografias do dia seguinte! Estava na hora de me sentar à mesa e partilhar a paelha e uma garrafa de vinho com os outros montanhistas.

No segundo dia, saí do abrigo ainda no escuro, o chão cheio de gelo estalava debaixo das botas, apesar do frio e vento forte que se faziam sentir, liguei o frontal e iniciei o trilho que tinha pensado para aquele dia. Iria visitar o túmulo de um dos fundadores do parque, situado num



Polvilhado. Parque Nacional dos Picos de Europa, 2023

Pág. seguinte:

Primeiro rebeco. Parque Nacional dos Picos de Europa, 2023



dos mais belos miradouros dos picos a 1750 metros de altitude, que fica a cerca de cinco quilómetros do abrigo. Quando o sol apareceu por trás da montanha já eu estava empoleirado em cima de uma rocha, um pouco afastado do trilho, com vento cortante e uma das melhores vistas para os principais picos do maciço de Cornión, o El Requexón em primeiro plano e ao fundo a Torre de Santa Maria com 2485 metros de altitude. Esperei pacientemente cerca de uma hora até o topo da montanha mais alta ficar descoberto e, com um pouco de luz nas pedras e encostas polvilhadas com o granizo da noite anterior, fiz a primeira fotografia do dia. Continuei, então, o caminho até ao túmulo de Don Pedro Pidal, onde almocei. Após apreciar as vistas realmente deslumbrantes do miradouro, agradei ao fundador e iniciei o caminho de volta, onde tive o meu primeiro encontro com um rebeco! Não queria acreditar na minha sorte, aquele elegante animal que desfilava calmamente no penedo à minha frente estava perfeitamente enquadrado com um dos mais altos picos do maciço polvilhado de gelo e com farrapos de nuvens brancas que passavam por trás a grande velocidade. O animal, pequenino na sua envolvente, era perfeito para dar escala àqueles monumentos naturais. Tentei fazer o mínimo de barulho possível ao tirar a teleobjetiva da mochila para não o assustar, montei o tripé na posição mais baixa e agachei-me, com muita paciência esperei alguns minutos que o cenário por trás do rebeco se revelasse por entre as brumas e disparei. Que momento, que sensação! Duas grandes fotos num só dia!

Contudo, apesar das emoções fortes daquele dia, ainda não estava preparado para o que viria a acontecer depois do jantar. O abrigo es-

tava vazio, os únicos sons que se ouviam naquela encosta eram os dos badalos dos cavalos que trazem os mantimentos para o abrigo e a música *rock and roll* espanhola que vinha do computador do Javi, o guarda do abrigo. O vento tinha finalmente parado e a temperatura era agradável, decidi calçar os chinelos e passar os últimos minutos do dia a apreciar o pôr do sol sobre o mar, numa pedra em frente ao abrigo. Foram momentos inesquecíveis. Assim que o sol passou uma fina camada de nuvens que pairavam sobre o horizonte, deu-se uma explosão de

cor como eu nunca tinha visto. Os vales a perder de vista à minha frente, carregados de atmosfera, ficaram amarelos, depois laranja, depois vermelhos! O espetáculo continuou e até o Javi parou de arrumar a cozinha e veio também cá para fora apreciar. Por cima da minha cabeça as nuvens começavam a ficar lilás, mas o espetáculo mais belo viria momentos depois, quando as montanhas com mais de 2400 metros de altitude nas minhas costas finalmente se deixaram pintar, primeiro com um vermelho de sangue e, assim que o sol se pôs, com um tom cor-

O elefante cor-de-rosa. Parque Nacional dos Picos de Europa, 2023



de-rosa pastel lindo como nunca tinha visto! Não resisti, voltei para dentro aos tropeções para ir buscar a máquina fotográfica e mesmo sem o tripé, subi o ISO, confiei no estabilizador e disparei. Estava feita a minha primeira fotografia a cores em seis meses, e que fotografia! Surgia assim o elefante na sala, um elefante cor-de-rosa.

Nos três dias seguintes, houve mais rebecos, houve mais gelo, houve inimagináveis trilhos infernais de alta montanha que quase me quebraram, houve feridas e dores nas pernas, houve mais um abrigo, mais uma trovoada mo-

numental da qual escapei por pouco e, claro, centenas de fotografias lindas cheias de atmosfera não só do maciço de Cornión, mas também do maciço central! Também houve tortilhas, vinho e cerveja e até amigos espanhóis e alemães! Nos três dias seguintes já não tive medo nem ansiedade, estava novamente na minha montanha. Foram cinco dias de sangue, suor, e lágrimas de alegria. Durante estes bons momentos que passei na minha montanha, não pensei mais no elefante cor-de-rosa. Até hoje.

As consequências

Depois de mil e setecentos quilómetros de carro, cinquenta quilómetros em trilhos de alta montanha, horas de vídeo, centenas de fotografias a preto e branco e uma fotografia a cores, o que acontece a este desafio? A resposta é simples – nada.

O facto de ter falhado o desafio não implica que desista de o completar, é minha intenção continuar a fotografar a preto e branco até ao final do ano, está a ser uma das experiências mais enriquecedoras que já tive. Posso ter falhado, mas não desisto! Não sou menor fotógrafo por falhar o desafio, quando muito sou um melhor fotógrafo por aproveitar aquela oportunidade única para fazer umas das mais bonitas fotografias a cores que alguma vez fiz.



A minha montanha.

Parque Nacional dos Picos de Europa, 2023



Pág. anterior:
Só. Parque Nacional dos Picos de Europa, 2023



Consequências. Parque Nacional dos Picos de Europa, 2023

O verão nas terras altas do norte.

O verão nas terras altas do norte.

A Serra do Gerês é uma das montanhas mais especiais do continente Português. Muitos foram os escritores que lhe dedicaram páginas de uma prosa contagiante. O mais eloquente de todos escreveu um dia: “há sítios do mundo que são como certas existências humanas: tudo se conjuga para que nada falte à sua grandeza e perfeição. Este Gerês é um deles”. O Ângelo, tal como Miguel Torga, conhece os granitos do norte como poucos. Ainda assim, sente que precisa de voltar uma e outra vez para captar a sua essência.

Texto e fotografias por **Ângelo Jesus**.

O que é a essência de um lugar?

Isso parece ser algo que, por vezes, tentamos mostrar em alguns dos nossos trabalhos fotográficos, especialmente quando nos focamos num determinado sítio ou região. Porém, essa intenção pode ser mais difícil de realizar do que se possa imaginar. A essência de um lugar não se define apenas em determinados momentos, sob certas circunstâncias ou condições, especialmente quando estas mais nos agradam ou são convenientes para criar imagens com impacto. É algo que se vai descobrindo pouco a pouco, convivendo regularmente com os lugares, con-

versando com eles, seja de dia ou de noite, quando chove, faz frio ou a percorrê-los nos dias quentes de verão.

30 de Junho de 2023. A mochila está quase pronta para mais uma longa caminhada. Prevê-se céu limpo e temperaturas altas para os próximos dias. O nascer do sol surgirá bem cedo, por volta das seis da manhã. Estamos no pico do verão, altura de férias para muita gente, assim como possivelmente para a maioria dos fotógrafos que nesta estação preferem deixar a câmara guardada até à chegada da próxima. Falta motivação para saídas fotográficas. O calor, o risco

de incêndio, os insetos, a luz difícil, os dias que começam demasiado cedo. São muitos motivos para nos deixar desanimados. Todavia, não tem de ser assim. A minha estratégia para combater esta tentação para a inércia é sair na mesma. Na verdade, é nestas alturas que muitas vezes acabo surpreendido pelo imprevisto e satisfeito por ter decidido não ter ficado no sofá.

Desta vez não vou sozinho. Periodicamente saio com amigos de longa data para o meio da natureza. Não sendo eles fotógrafos, mas vindos do universo do montanhismo, vejo-me forçado a mudar ligeiramente a minha forma de operar



Grande Vista. Serra do Gerês, 2023

no terreno, apesar de entenderem e apreciarem aquilo que faço. Foi graças a eles que estabeleci o meu primeiro contacto com o Gerês profundo e mais tarde com as aventuras pela alta montanha, não podendo ignorar o facto de tudo isso ter estado na génese da minha obsessão pela fotografia de natureza. É também com eles que nos dias de hoje me arrisco a embarcar em atividades mais arrojadas, por zonas mais remotas e de difícil acesso.

Ao contrário do que se possa pensar, os dias de verão na parte menos conhecida do Gerês são especiais e até trazem algumas vantagens para aqueles que pretendem desfrutar dos dias longos na serra, a explorar terreno em relativa segurança e longe do turismo de multidões. Além de todos os cuidados que se devem ter em atividades desta natureza, nesta altura é essencial saber lidar com o problema do calor, assim como a escassez de água nas zonas mais elevadas.

Relativamente à fotografia, embora seja uma presença constante na minha cabeça, nestas circunstâncias deixa de ser uma prioridade. Como já mencionei, quando saio para a natureza neste contexto de grupo com "não fotógrafos", os objetivos são diferentes e o *modus operandi* muda ligeiramente. Desta vez, a câmara viaja comigo numa bolsa com arnês, junto ao peito, equipada com uma lente mais versátil e pronta a disparar em poucos segundos. Estamos em marcha e não é suposto parar frequentemente para pôr em prática todo o meu ritual fotográfico sempre que surge uma oportunidade. Embora e por descargo de consciência, carregue na mochila um tripé ligeiro, uso-o provavelmente 10% das vezes, nos momentos em que as paragens são mais demoradas. Contudo, e talvez

pela liberdade que a máquina na mão e sempre disponível me proporciona, não deixo de criar imagens de que gosto e muitas delas diferentes do habitual.

Também, pela luz difícil que está presente durante a maior parte do tempo, vejo-me forçado a olhar para as coisas de outra forma, resultando em imagens que embora na sua maioria sem grande espetacularidade, são muito pessoais e dificilmente replicáveis.

Nestas alturas em que as ditas "boas condições" não estão do nosso lado é que por vezes emerge uma visão mais profunda e pessoal do lugar.

Já em cota mais alta, acima dos mil metros é onde a paisagem revela algo que só encontro aqui e particularmente nestes dias de sol e céu azul. Há uma sensação primordial de remoto, de inóspito, de expansivo. Sinto alguma nostalgia perante as árvores mortas que vão surgindo aqui e ali, algumas fulminadas pelos relâmpagos e outras pelo tempo, agora esqueletos quase brancos mas que ainda jazem de pé.

Agrada-me bastante caminhar sobre as lajes gigantes de granito e ver com grande detalhe quase tudo à minha volta, algo que só um dia limpo como este pode proporcionar. Por vezes há que descer os vales. Aí a progressão torna-se mais lenta e por vezes penosa perante a vegetação que vai tomando o seu lugar, apagando os caminhos antigos e cada vez menos frequentados. Presumo que daqui por alguns anos, muitos desses trilhos de pastorícia ou possivelmente de ligação entre povoados, agora ao abandono, estarão definitivamente apagados e absorvidos pela natureza.

Entretanto, as paragens do grupo vão-se tornando mais frequentes, acima de tudo para refrescar o corpo junto aos cursos de água e também para abastecer as garrafas com o precioso líquido.

Depois de muito andar, numa paragem tardia para carregar baterias, o sol começa finalmente a dar tréguas, situando-se a poente e prestes a tocar o topo da serra. Observo então a luz que incide num curso de água e na rocha molhada. O grupo parece intrigado com aquilo para onde decidi apontar a câmara. Entretanto, explico-lhes a razão e ficam espantados com os efeitos, que só se vêm em determinado ângulo. Algo que agora se revela, porque com o tempo e a prática fui adquirindo o olhar curioso do fotógrafo.

A Serra do Gerês, como qualquer outro sítio, como já mencionei anteriormente, não se define em épocas ou locais específicos, sujeitos ou fenómenos isolados. Para mim, define-se em muitas coisas, sejam elas grandes ou pequenas. Num dia de tempestade, ao presentear-nos com manifestações de atmosfera e luz, mas também a sorrir-nos num dia quente, em que apenas uma pequena nuvem branca surge a pairar num imenso céu azul. Nas cascatas, que no inverno mostram todo o seu esplendor, mas também num curso de água que nos dias secos de verão flui timidamente em zonas mais escondidas. Ao escrever estas palavras, parece que ainda ouço o som ténue da água a correr no meio da vegetação densa.

É altura de regressar. Surgem agora algumas nuvens cinzentas atrás de nós, embora pareçam estar apenas de passagem. O dia de hoje foi bem mais duro do que julgamos. O corpo vem

sujo e dorido mas, por outro lado, a alma vem limpa e revigorada. Este é para mim o verão por terras geresianas. Muito diferente daquele das multidões, que lá em baixo se amontoam junto das albufeiras e cascatas, como se também esses ícones, incontestáveis, fossem a única e verdadeira essência deste lugar.

Certamente, este lugar também se define na sua história, na cultura, nas gentes e nos animais, algo que também daria lugar a outro artigo digno de ser escrito... mas não por mim.

Apesar de conhecer este território há mais de três décadas, seria presunçoso afirmar que consigo mostrar a sua essência. Talvez seja algo impossível de concretizar com isenção. Agora que penso mais no assunto, chego à conclusão de que a essência do lugar não é aquilo que julgava, mas sim a interpretação que cada um de nós pode fazer, baseada naquilo que nos atrai e emociona, muitas vezes sem saber explicar porquê.

Quando me pergunto: Qual é a imagem que me vem à mente logo que penso no Gerês? Surge-me a visão panorâmica, lá bem alto, de montanhas de granito a perder de vista, expostas ao sol, numa tarde quente e debaixo de um límpido céu azul. Certamente não será esta a essência do lugar. É apenas uma parte. A minha parte. Aquela que mais se liga com as minhas experiências e memórias.

Grato por mais esta experiência.

O Espelho. Serra do Gerês, 2023





Pág. anterior:
Vi o Demônio. Serra do Gerês, 2023



Líquido Bicolor. Serra do Gerês, 2023



Ervas e Água I. Serra do Gerês, 2023

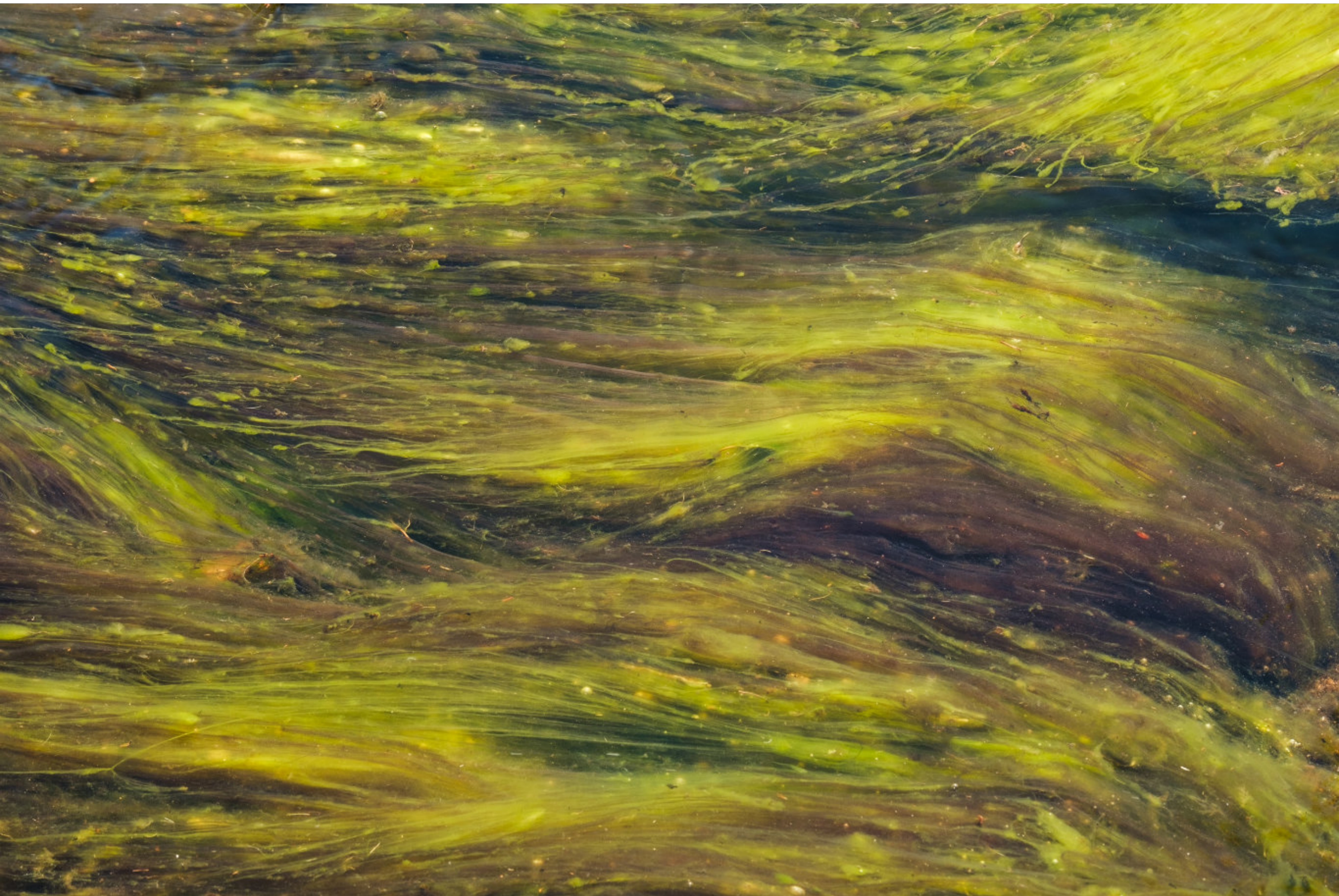


Ervas e Água II, Serra do Gerês, 2023



Ouro Sobre Azul, Serra do Gerês, 2023

Pág. seguinte:
Ondular Fluorescente, Serra do Gerês, 2023





Antes do Descanso, Serra do Gerês, 2023

Pág. seguinte:
Sacrifício e Recompensa, Serra do Gerês, 2023





Já Falta Pouco, Serra do Gerês, 2023

Como abrir a Caixa de Pandora. Criando imagens através de IA.

Como abrir a Caixa de Pandora.

Texto e imagens por **Mário Pires**.

Neste artigo vou descrever de uma forma simples o meu processo de criação de imagens através de uma plataforma de Inteligência Artificial.

O desenvolvimento de imagens geradas por inteligência artificial (IA) começou nos anos 50 com os *Perceptrons* – uma forma inicial de redes neurais, estabeleceram as bases usadas no futuro para as mesmas – e evoluiu pelo desenvolvimento dos gráficos de computador nos anos 1970-80. Nos anos 1990, as Redes Neurais Convolucionais (CNNs) aprimoraram o reconhecimento de imagens. A partir dos anos 2000, modelos generativos como as *Restricted Boltzmann Machines* (RBM) e as *Deep Belief Networks* (DBNs) começaram a criar imagens. Em 2014, as *Generative Adversarial Networks* (GANs) revolucionaram a geração de imagens, com destaque para as *StyleGANs* da NVIDIA®. Técnicas como transferência de estilo neural e *deepfakes* surgiram na metade e final dos anos 2010, respectivamente. Em 2021, a OpenAI introduziu o

DALL·E, capaz de gerar imagens a partir de descrições textuais.

Os modelos baseados em transformadores, como *DALL-E*, *Stable Diffusion* e *Imagen*, têm revolucionado a capacidade da inteligência artificial para gerar imagens realistas a partir de descrições de texto. Esses modelos utilizam uma arquitetura de aprendizagem estruturada profunda denominada transformador, originalmente desenvolvida para processamento de linguagem natural, que é capaz de captar dependências de longo alcance nos dados.

Eles são treinados em grandes conjuntos de dados rotulados de pares imagem-texto, o que permite que aprendam a relação entre conceitos textuais e atributos visuais. A mensagem de texto é codificada numa representação vetorial usando o transformador, capturando dessa forma a informação conceptual. A imagem é gerada de uma forma auto-regressiva, onde o mo-

delo prevê o valor de cada pixel, condicionando-o ao vetor de texto e aos píxeis previstos anteriormente. Durante o treino, o modelo aprende a gerar imagens que correspondem às descrições textuais, através de um jogo de previsão com oposição a imagens reais. A arquitetura do transformador permite modelar interações ricas entre detalhes locais e estrutura global, resultando numa alta coerência visual nas imagens geradas. Esses modelos continuam a melhorar com mais dados, poder computacional e avanços algorítmicos nas técnicas de treino, mecanismos de atenção e outras áreas.

Existem várias plataformas capazes de gerar imagens a partir de um texto descritivo. Pessoalmente utilizo duas, *Leonardo.ai* e *Midjourney*. Todos os dias aparecem mais possibilidades, umas gratuitas e outras não.

Para esta demonstração vou utilizar a plataforma *Midjourney*, que embora tenha um plano

grátis, não permite grande latitude de exploração. Nesse aspeto, a plataforma Leonardo.ai permite uma maior exploração das possibilidades, sem nos depararmos com muitas limitações.

Na plataforma *Midjourney*, as imagens são geradas a partir de comandos de texto e de descrições numa caixa de texto. Administradores de sistemas e utilizadores de IRC estarão mais à vontade do que quem está habituado a interfaces gráficas, mas habituamo-nos depressa.

O comando que gera as imagens é [/imagine]

Depois deste comando introduzimos a descrição da imagem que desejamos obter. A descrição pode ser uma palavra apenas, ou atingir níveis de alguma complexidade se utilizarmos os vários parâmetros que a plataforma permite. Está fora do âmbito deste artigo ser um tutorial completo, pelo que aconselho uma consulta aos muitos recursos disponíveis, a começar pela própria documentação da plataforma.

A descrição costuma ser designada por *prompt*, e vou utilizar o inglês como linguagem base para interação com a plataforma.

Vamos então começar o processo de uma forma simples, e numa revista dedicada à fotografia de paisagem, nada melhor do que pedir uma:

/imagine prompt: A apocalyptic landscape, in the setting sun, --ar 16:9

Dissequemos este comando:

/imagine prompt: – comando que dá a instrução ao servidor para gerar uma imagem, o que

é colocado a seguir aos dois pontos são as indicações textuais da imagem a ser gerada.

A apocalyptic landscape, in the setting sun – descrição da imagem que quero ver gerada, uma paisagem apocalíptica, ao pôr do sol.

A separação das frases através de vírgulas é importante, para indicar de uma forma mais clara à plataforma o que queremos ver.

--ar 16:9 – aqui podemos pedir para modificar a proporção da imagem que é gerada por defeito de 1:1. Neste caso quero uma proporção próxima da que obtemos no vídeo Full HD. Este é apenas um dos parâmetros que podemos modificar a gosto.

Um pedido ao servidor gera sempre 4 imagens (página seguinte). Para prosseguir, temos de escolher uma (ou todas) e pedir para gerar um tamanho maior. Para este exercício vou escolher a imagem de cima à esquerda.



Na plataforma as imagens são numeradas, a imagem escolhida é U1. Ao carregar nesse botão, estou a instruir o servidor que quero que me devolva aquela isolada das outras.

E o servidor envia a imagem pedida (o tempo de resposta varia de acordo com vários fatores).



Mas talvez este exemplo seja muito disruptivo para iniciar. Vamos então pedir algo mais simpático.

Comecemos pelo *prompt*:

/imagine prompt: a wide angle shot, Filmic, Kodak Ektar, Satellite-View, F/22, of a country landscape, with a tall trees forest, and a narrow dirt road --ar 16:9

Como podem ver, pedi uma vista aérea de uma floresta no campo com uma estrada de terra, os outros componentes são perfeitamente familiares a fotógrafos (wide angle shot, Kodak Ektar, F/22).

O servidor inicia o seu trabalho e envia as quatro imagens que podemos ver na página a seguir à primeira geração da paisagem apocalíptica.





Qualquer uma delas é satisfatória e realista. Mas temos de escolher uma.

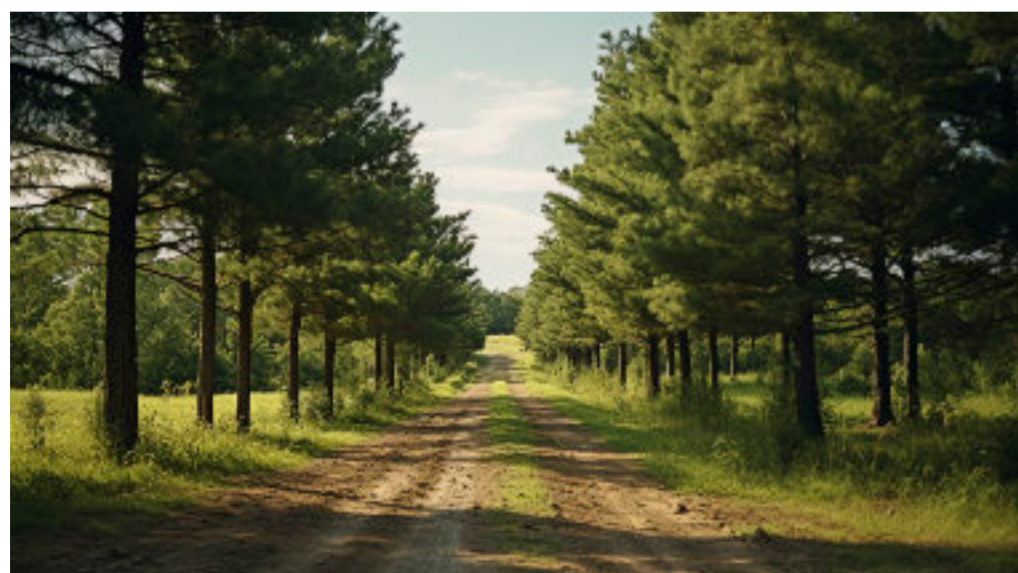


Escolho esta porque gosto das sombras, dão algum dinamismo à imagem.

Mas vamos descer à terra, e ver a paisagem como se estivéssemos em passeio calmo a pé.

/imagine prompt: a wide angle shot, Filmic, Kodak Ektar, Ultra-Wide Angle, F/22, of a country landscape, with a tall trees forest, and a narrow dirt road --ar 16:9

Retirámos a referência à vista aérea, e introduzimos a indicação “ultra-wide angle”, e o que obtemos é esta imagem.

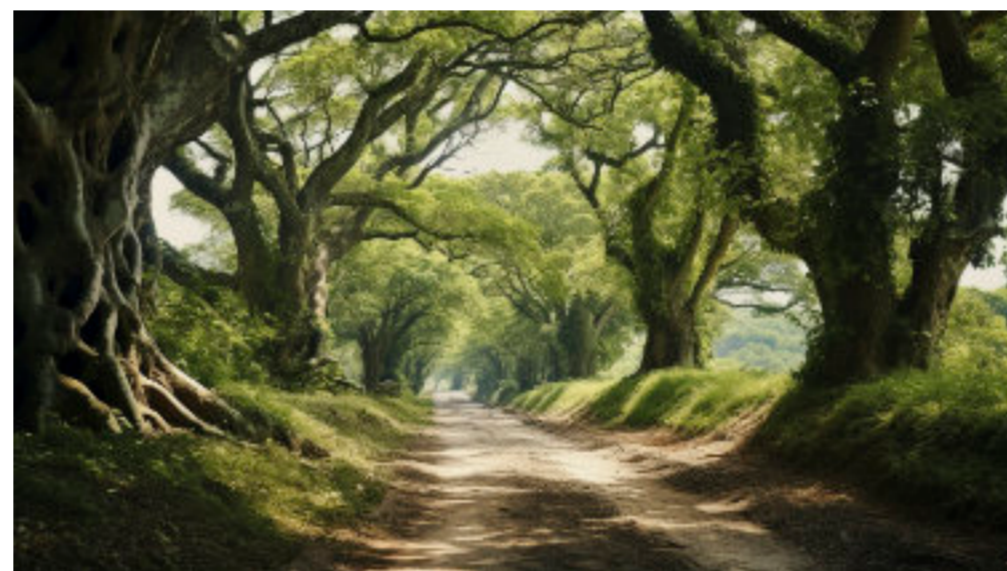


Todos os elementos pedidos continuam lá, apenas mudámos o ponto de vista.

Mas vamos melhorar esta imagem, há algumas palavras descritivas extra que costumam ser usadas, e que podem dar mais detalhe e complexidade às imagens.

insanely detailed and intricate, hypermaximalist, elegant, ornate, hyper realistic, super detailed,

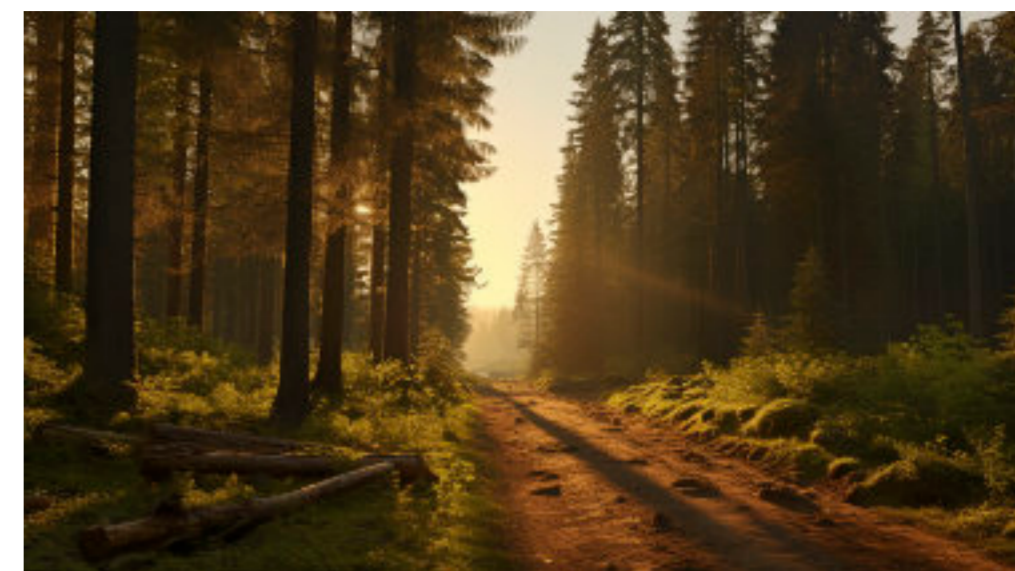
E no nosso caso resultou, as árvores apresentam muito mais detalhe e a cena parece ainda mais realista.



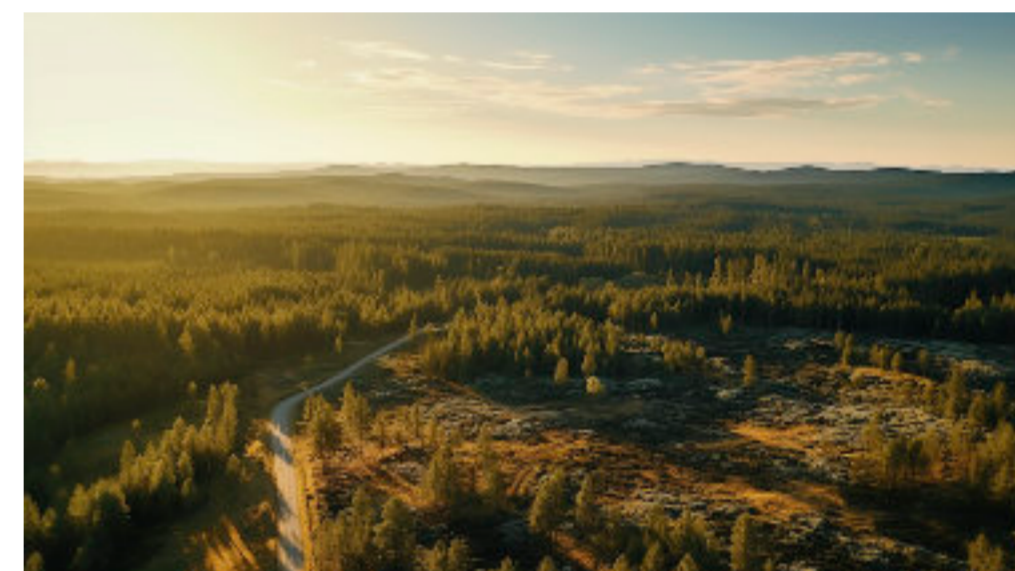
Vamos mudar o tipo de filme para ver o efeito que tem, e o tipo de luz também.

Golden Hour, Velvia

Mudando apenas estes parâmetros, temos uma paisagem ao fim do dia, com cores ligeiramente mais saturadas.



E se acrescentarmos ao *prompt*, “aerial view”, voltamos a ter uma imagem vista de cima, agora ao fim do dia.



Antes de terminar, quero só referir que temos sempre a possibilidade de influenciar as imagens geradas através da inclusão no *prompt* de imagens pré-existentis.

Aqui acrescentei uma imagem de Centum Cellas (um monumento situado perto da aldeia de Belmonte) ao *prompt*, e obtive as quatro alternativas da página seguinte, todas elas perfeitamente credíveis.



Como em todas as escolhas que se fazem neste processo, tudo acaba por se resumir ao gosto pessoal e intenção colocada na imagem.

Hesitei bastante entre a imagem de cima da esquerda e a em baixo da direita, mas a segunda manteve o monumento mais perto do Centum Cellas real, por isso foi a minha escolhida.



Espero que esta demonstração vos tenha inspirado a experimentarem também as possibilidades que estas plataformas nos abrem, e sem mais demora, eu e o gato Jeremias desejamos-vos uma boa viagem neste novo mundo.



Filip Kulisev

Element

Primeira Edição: Eslováquia, 2016
Slovart Publishing, Ltd. (31 x 33 cm, 408 páginas, capa dura)

Texto por **Rúben Neves**.

“A sua mensagem de beleza é acompanhada por uma advertência: os lugares que ele retrata podem facilmente transformar-se em memórias. E o seu aviso é cada vez mais urgente. Nem mesmo as melhores e maiores convenções e tratados podem contrabalançar as mudanças dramáticas que estamos a testemunhar e a causar - a menos que as levemos a sério.” ~ Andrej Kiska (Ex-Presidente da República Eslovaca), *Prefácio*

O privilégio de escrever sobre a obra de alguém passa, sobretudo, quando assim nos é permitido, por escolher a altura em que a decidimos enaltecer e a forma que escolhemos para o fazer. O público - esse eterno avaliador do nosso trabalho - será “atingido” com diferentes graus de intensidade, naturalmente, muito em parte pela força da mensagem da própria obra mas também, acredito, pela forma como a colocamos ao seu dispor. Dito isto, penso ser consensual poder dizer que assistimos, ao longo da nossa vida, a debates cíclicos, que se manifestam de forma pública em contextos demasiado densos deixando assim algumas mensagens passar pelo “barulho das luzes” sem receberem a devida atenção. Ou porque o tempo não permite ou porque o assunto não é suficientemente

do nosso interesse ou porque se “perde” no meio de tanta informação.

No caso de um livro, palpável, que pode ser folheado, é certo que continua a ter o peso (não só físico) mas, maioritariamente, de um posicionamento concreto. São páginas que tiveram o intuito de levar a alguém uma mensagem cujo autor, a par de outras entidades, considerou de valor para mostrar ao mundo. Independentemente de podermos gostar mais ou menos de livros físicos, penso que podemos inferir que a intenção, desejo e concretização de publicar um livro dessa forma acarreta uma responsabilidade para quem o faz e, idealmente, deverá exercer uma certa influência em quem o lê. Passa a ocupar espaço, por assim dizer. E, quando

ocupa espaço, partindo do princípio que foi adquirido, oferecido ou, acredite-se, desejado com um fim, ali fica e permanece. Pode sempre ser folheado de imediato, na íntegra, de forma voraz. Pode ir sendo descoberto, lido e vivido, consoante os tempos e os momentos, dependendo assim, exclusivamente, do seu leitor. É como a própria vida. Cada um, à sua maneira, interpreta, folheia, usufrui e deixa-se embrenhar nas leituras de forma cíclica. Às vezes sabemos-los, de imediato, só porque sim. Outras, consumimos alguns capítulos de forma mais intensa e feroz, sem saber os restantes. Paramos, por tempo por vezes indeterminado, mais ou menos certo, mais ou menos racional. Porque há toda uma vida, de facto, uma realidade que interfere a cada instante. Mas ele está lá, e estará sem-



pre. O livro e a sua história. Quando chega por uma razão que nos faz parar, tenhamos a destreza de não o largar e não deixar de (o) viver, e de (o) aprender, com a história que tem para nos contar.

“Element” é um manual, uma inspiração e um alerta. Carregado de beleza, usada na sua melhor forma para mostrar, engrandecer e avisar. E, como quem sabe que o percurso, por vezes, custa para se manifestar num bem superior, se assim tiver que ser para que se faça jus a um determinado propósito... que assim seja! É um ato nobre, sublime. E havendo uma razão que se impõe, seja um legado, um objetivo, um desafio ou um sonho, concretize-se! Neste caso, “Element” é um mapa de encantamento que se agiganta diante um perigo. E cumpre o propósito de um livro com um ritmo de deslumbre pe-

dagógico. Um estímulo visual organizado pelas quatro zonas climáticas da Terra e pelos quatro elementos básicos que dão corpo à Natureza, numa autêntica viagem pela “terra dos sonhos”. É também um roteiro do nosso mundo ao serviço da nossa consciência - a Natureza que abrange a paisagem e que dá abrigo à vida selvagem tem neste livro o deleite visual que dificilmente se conseguiria sem a mestria do fotógrafo. A cada página, uma montanha vai dando espaço a uma cascata, as linhas das grandes zonas rochosas criam formas majestosas, os bosques escondem maravilhas da flora selvagem e o frio transforma-se numa lufada quente com olhares profundos de animais dóceis.

Poderemos dizer que aqui tudo é belo. É verdade. Neste livro não cabe a violência, por vezes desconhecida da vida selvagem. Este livro é um

manual de esperança que abraça a angústia escondida, tentando colocar a visualidade no pedestal da salvação. São locais resplandecentes que brilham a toda a hora, que emanam a força da beleza que os constitui e que fazem cortar a respiração na expectativa de se manterem assim. Porque a beleza existe, no real como nos livros que a refletem. Às vezes é preciso acreditar, dentro do pessimismo (do passado e até do presente), que existe um caminho e que a beleza ajuda, preponderantemente, nesse percurso. Porque nos move, porque não nos deixa indiferentes. Em “Element”, voamos, contemplamos, suspiramos e recostamo-nos, muitas vezes, para desfrutar cada página. Não será demais reforçar a qualidade do que se vê, porque percebe-se o esforço para que assim seja. A história do livro conta-se, entrecortada, com a geografia do mundo. Da zona polar à tropical, o fotógrafo e viajante Filip Kulisev colocou a beleza dos elementos da terra ao serviço da preservação e da sustentabilidade. O domínio da água em forma de gelo, o fogo presente na luz do sol do deserto, o clima temperado das terras de montanha e o ar sub-tropical que arrefece no verão geram uma união perfeita em elementos fotográficos reunidos num só espaço. Os dados científicos que acompanham a sinfonia visual ajudam a perceber e a acreditar que vale a pena preservar e dão uma dimensão maior à mensagem que os olhos possam não conseguir alcançar. São mais de 400 fotografias que ilustram mais de 100 países que Kulisev visitou e que organizou de forma a que pudesse criar um livro marcante para qualquer amante do meio natural. Fruto da sua paixão pela geografia e pela cartografia desenhou, desde jovem, mapas e trilhos que serviram, ao longo dos anos, para idealizar destinos que gostaria de conhecer. Estudou turis-

mo, com o objetivo de se preparar para enfrentar as viagens e, de máquina ao ombro, avançou pela vida de fotógrafo viajante. O reconhecimento de Filip Kulisev é mundial, não só pelas suas imagens mas também pelas exposições variadas, em diversos países, de estímulo e conscientização sobre recursos naturais. Fundou, em 2001, a Amazing Planet, um dos maiores projetos visuais da atualidade, e foi amplamente condecorado ao longo da sua carreira contando onze monografias exclusivas.

“Element” é um hino à Natureza no seu máximo esplendor. Vive, sobretudo, da capacidade técnica do seu autor, é certo. Luz, sombras, cor e texturas são, também eles, elementos que se recriam entre si e que dão corpo à pluralidade - das imagens - que representa(m) a terra. Um conceito em que o filósofo Empédocles acreditava, defendendo a composição do universo pelos quatro elementos básicos (fogo, água, terra e ar) que Kulisev agora junta numa enciclopédia de beleza e de esperança. De forma mais ou menos cosmológica, neste livro, tudo se conjuga na perfeição porque tudo faz sentido. Mesmo o desconhecido... que é inesperado!

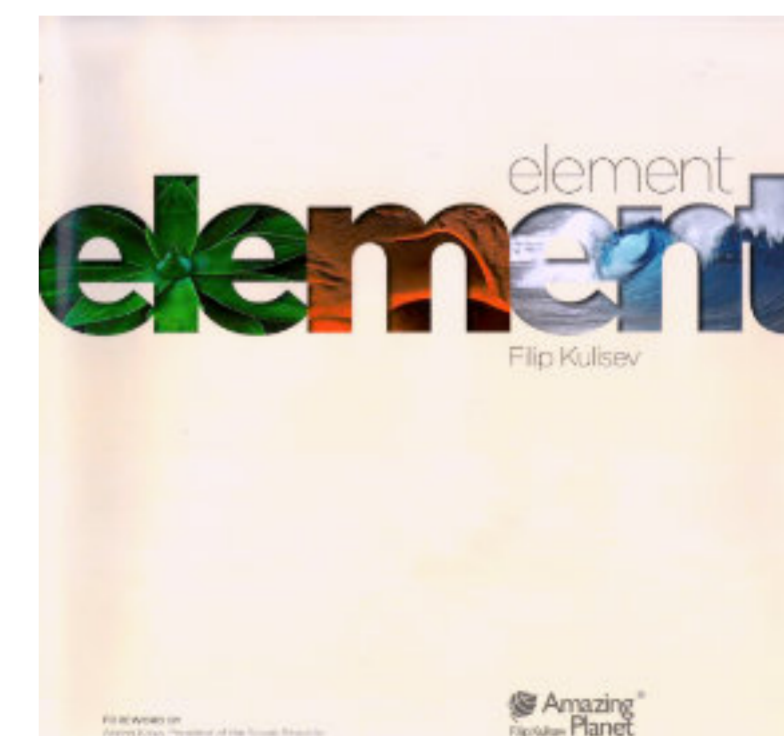
A primeira edição está esgotada mas o livro pode ser comprado no site da [Amazing Planet](#) ou na [Amazon americana](#) (Edição de Novembro de 2017). O site é um espaço artístico. A diversidade de conteúdos convida a uma passagem demorada e a consulta poderá não ficar pela primeira visita. São centenas de países com fotografias, vídeos e vários “*making of*” de muitas viagens e aventuras em que Filip Kulisev esteve envolvido. Um outro ponto de inspiração, sem dúvida.



Acima: Página dupla do livro.

Pág. Anterior: Índice

Abaixo:
Capa da edição publicada pela Amazing Planet.
Capa dura, 408 páginas, 29,5 x 32 cm



4:três

Três autores, quatro imagens, unidas por algo em comum. Esta secção é de todos os que lêem esta revista. Se deseja participar, envie as suas imagens, acompanhadas de um texto sobre as mesmas e o elemento que as une, para o email info@revistaperspetiva.pt.

Nesta edição:

1. Peter Richter
2. Sónia Almeida
3. Patrícia Gaspar



O formato de imagem 4:3 é utilizado pela maioria das câmeras digitais *point-and-shoot*, pelos sistemas *Four Thirds* e *Micro Four Thirds* (OM System e Panasonic, por exemplo) e em câmeras 645 de médio formato. O formato digital 4:3 foi desenvolvido para combinar com os monitores digitais dos finais do séc. XX e início do séc. XXI, monitores de computador baseados nas TVs da altura.

Chamado de "janela clássica", utilizado na televisão tradicional (SDTV) e na grande maioria dos ecrãs de computadores até por volta de 2010, tem como origem e grande utilizador todo o cinema feito até por volta de 1950.

Ainda hoje é usado em alguns raros filmes que buscam aquele cheirinho do antigamente, com o seu enquadramento "clássico". É ainda usado na gama de iPads da Apple.

Cenas da floresta Austríaca

Texto e fotografias por **Peter Richter**.

Website: peterrichter-photography.net

Viver em Viena, na parte oriental da Áustria, oferece-me inúmeras oportunidades para “mergulhar” em cenas florestais. A principal abordagem na minha fotografia é de imagens de paisagens íntimas, focando-me em detalhes que me permitem extrair a essência daquilo que me cativa. Fascina-me principalmente a interação entre os delicados padrões da folhagem com a sua estrutura mais firme oferecida pelos caules e galhos. Constitui o principal elemento das minhas composições.

Fazendo fronteira com a periferia oeste de Viena, os Bosques de Viena (alemão: Wienerwald) são uma extensa cadeia de colinas arborizadas, formando o sopé nordeste dos Alpes Calcários do Norte. Esta área é maravilhosa e inspiradora, em especial para caminhar em todas as estações. Como está perto, a apenas um quarto de hora de minha casa, há alguns lugares que conheço como a palma da minha mão. “Cena Invernal. Bosques de Viena” e “Es-

perando pela Primavera. Bosques de Viena” são imagens captadas nesta zona. A delicadeza da folhagem e a qualidade gráfica dos caules e dos galhos intrigou-me.

A leste de Viena, o Parque Nacional Donau Auen é uma floresta ripícola protegida ao longo do rio Danúbio. Este lugar também me é familiar, pois o meu pai nasceu nesta região e eu fazia caminhadas por lá desde criança. Com as imagens “Primeira Luz da Primavera. Donau Auen NP” e “Nova Vida. Donau Auen NP” tentei transmitir sentimentos sobre o crescimento e a ressurreição da vida, todos os anos, na primavera.

As imagens aqui mostradas são o resultado de décadas de caminhada nessas florestas. Quando a luz, a cor e a atmosfera se juntam, faço uma fotografia e espero partilhar as minhas experiências com as outras pessoas.



Peter Richter vive em Viena desde que lá nasceu, em 1963. É membro da *Photographic Society of America* e adquiriu a qualificação como jurado em concursos de fotografia. Os detalhes da paisagem são o ponto focal nas suas imagens. Tal como Eliot Porter, cultiva um olhar cuidadoso sobre as estruturas, padrões, cores e valores tonais da natureza, bem como as suas qualidades abstratas. Além da sua profissão como neurologista numa clínica em Viena, procura frequentemente uma forma de experimentar a natureza junto da sua esposa, nos arredores de Viena, bem como nos Alpes Austríacos e outras regiões europeias, especialmente Bretanha, Normandia, Norte de Espanha, Portugal, Escócia e Mar do Norte. No seu trabalho fotográfico procura guardar essas memórias e torná-las acessíveis aos demais.



Cena Invernal. Bosques de Viena



Esperando pela Primavera. Bosques de Viena



Primeira Luz da Primavera. Donau Auen NP



Nova Vida. Donau Auen NP

Arte na Natureza

Texto e fotografias por **Sónia Almeida**.

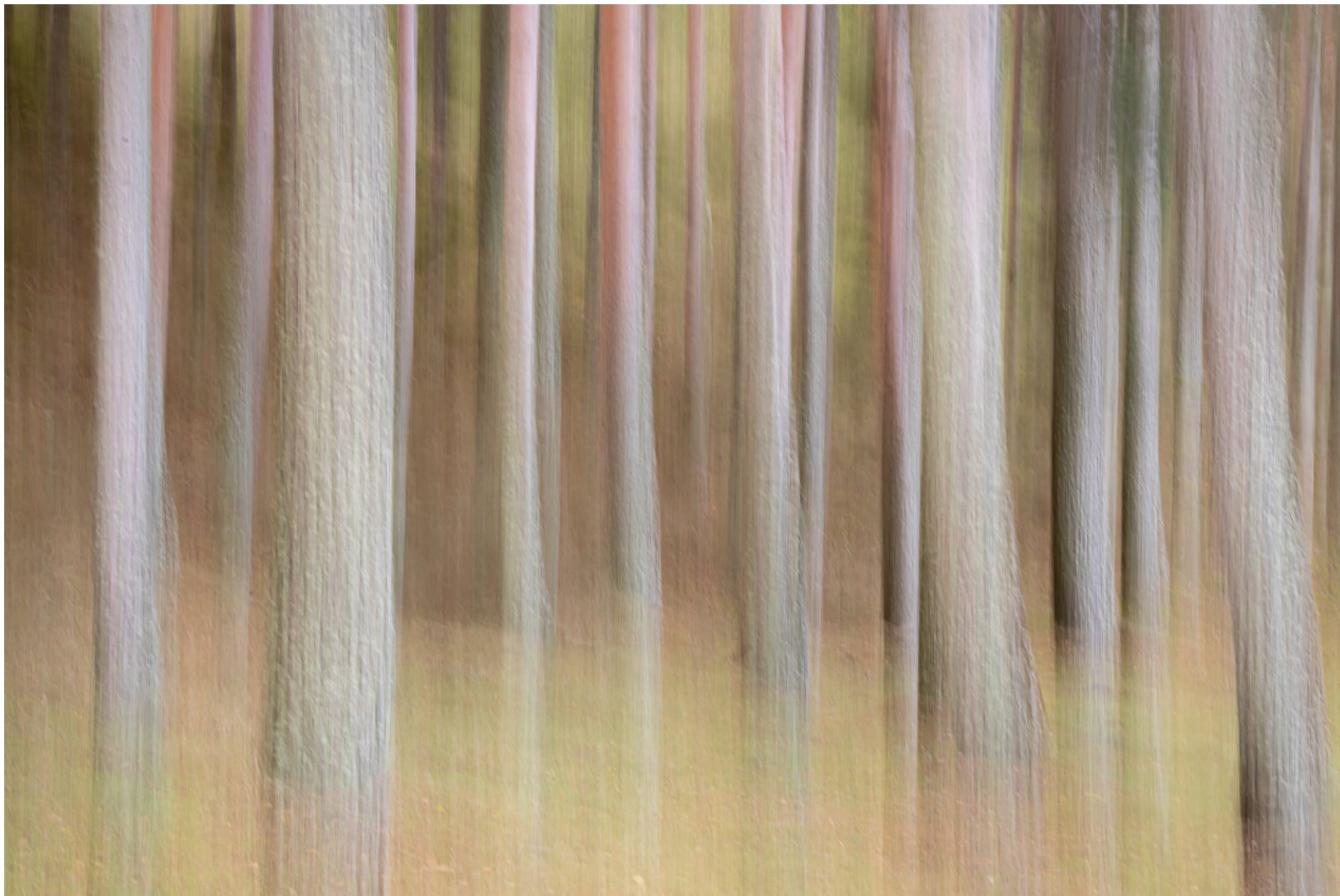
Instagram: **@soniapampa**

Quando saio para fotografar, para além das imagens ditas “normais” e documentais que faço, procuro sempre ver o lado mais artístico da natureza. Este género de imagens pode ser surpreendente pela sua singularidade e irrepeticibilidade. É certo que, muitas vezes, a inspiração falha e o resultado não é o esperado. Nestes casos, a solução, para mim, passa por ver o copo meio cheio, transformar cada fracasso em aprendizagem e continuar a tentar na saída seguinte.

O mundo natural, o meu “estúdio” de eleição, é, na minha perspetiva, aquele que mais oportunidades oferece à nossa imaginação e criatividade. Desde os densos bosques aos detalhes mais íntimos da flora, passando por tirar partido das gotas de orvalho ou dos reflexos e movimentos de água, a arte na natureza está por todo o lado e onde menos se espera.



Sónia Almeida vive na Pampilhosa (que não é da Serra) e fotografa há mais de 10 anos, altura em que comprou a sua primeira câmara *reflex*, na véspera de uma viagem. Adora fotografia de paisagem e natureza, por ser o género fotográfico que lhe permite “mergulhar” onde gosta de estar. Ainda que considere todos os elementos naturais interessantes, tem uma forte tendência para retratar a flora. E então quando existem árvores... É por isso fácil vê-la deambular, de câmara na mão, pela Mata Nacional do Buçaco, o seu local de eleição. Tem na sua mochila uma Canon EOS 6DmkII e considera que a fotografia não é só uma boa desculpa para sair de casa. É também uma forma de registar o que vê e o que quer mostrar, para além do óbvio.









Água vai!

Texto e fotografias por **Patrícia Gaspar**.

Instagram: **@titaowel**

As praias e os rios são dos ambientes que mais gosto de fotografar. As quatro fotografias que escolhi para esta secção ilustram algumas das formas como a água do mar ou dos rios interagem com o meio envolvente.

A primeira fotografia capta o nascer do sol na praia da Zambujeira do Mar, permitindo à baixa-mar mostrar os seus emblemáticos afloramentos rochosos.

A segunda, em Rio Tinto, Huelva (Espanha), regista uma paisagem quase-de-outro-mundo, em que um ambiente aquático extremamente ácido, rico em ferro e enxofre, se torna fértil, não só para a criatividade fotográfica, mas também para a investigação em astrobiologia, dando o seu contributo para as missões a Marte.

Na terceira fotografia, já a norte, na bonita praia de Moledo do Minho, observa-se um dos

muito interessantes pormenores que o mar, com a sua dança de marés, nos oferece, ao interagir com os diversificados aglomerados de rochas graníticas.

A última fotografia foi realizada ao pôr-do-sol, na Praia do Silêncio, nas Astúrias (Espanha). Uma praia verdadeiramente impressionante, pelas formas e texturas das suas falésias. Foi, no entanto, pelo som cantante produzido pelo rolar dos pequenos seixos sobre si mesmos, quando tocados por cada onda, que esta praia mais ficou presente em mim.



Patrícia Gaspar fotografa desde 1998, ainda no tempo do analógico. Durante muitos anos, fazia-o apenas nas férias, captando principalmente o ambiente das cidades e áreas naturais que visitava. A fotografia representa uma forma de partilhar o que vê, o que experiencia. Começou há pouco a utilizar uma objetiva macro, que lhe permite descobrir e vivenciar o mundo de uma nova forma. É capaz de ficar completamente absorta pelo sujeito que está a fotografar. Para além disso, adora fotografar animais selvagens no seu habitat natural, montanhas e água. Gosta também de astrofotografia, de planejar e investigar os locais onde fotografa os astros. Vive em Linda-a-Velha e os locais onde mais gosta de fotografar são a Mata do Jamor e o Estuário do Tejo.



Zambujeira do Mar. 2021



Rio Tinto, Huelva. 2021



Moledo do Minho. 2022



Praia do Silêncio, Astúrias. 2020

Agenda.

WORKSHOPS

Em Setembro volta o Curso de Projeto Fotográfico ministrado pelo **Luís Afonso**. O objetivo é aprender a desenvolver um conjunto de imagens coeso, com forte componente narrativa. No final, será produzido um livro de fotografia. Inscrições até ao final de setembro. Inscrição e mais informação no *site* da [Primeira Luz](#).

O **Mário Cunha** propõe duas expedições. A primeira, a ter lugar nos dias 7 e 8 de outubro, será no Vale do Gerês. A segunda será em pleno Parque Nacional dos Picos da Europa e terá lugar no pico do outono, entre 28 de outubro e 1 de novembro. Inscrições no seu [site](#).

O **Nuno Luís** desafia-nos a rumar a sul, à zona da Costa Vicentina, para um passeio fotográfico a ter lugar entre 20 e 22 de outubro. Mais informação no *site* da [Primeira Luz](#).

CONCURSOS

O mais antigo concurso fotográfico a nível nacional está de regresso e vai voltar a eleger o **Fotógrafo de Paisagem do Ano**. Em 2023, a competição conta com mais categorias e a forma de apurar o prémio máximo também mudou. Não deixe de submeter as suas imagens ao XXXVII Concurso de Fotografia de Manteigas, no âmbito do IX Imaginature. Mais informações no [site do festival](#).

FESTIVAIS

O **Festival de Imagem de Natureza do Gerês, IRIS**, está de regresso. A sua terceira edição abrirá as suas portas no fim de semana de 22 a 24 de setembro. Pode consultar toda a progra-

mação no [site do evento](#).

No fim de semana de 28 e 29 de outubro terá lugar o **Godinho Photofest** que espera por todos, entre as 10 e 19 horas, no Centro Cívico Eduardo Pedro, em Alvalade, Lisboa. O objetivo é divulgar a Fotografia como forma de Arte e contará com diversas iniciativas, tais como workshops, exposições, livros, apresentações, tertúlias e um concurso. Mais informações no [site do concurso](#).

Os Autores.



Ângelo Jesus

Gosta de subir as serras, mas é nos vales, junto dos rios, e no meio das árvores que encontra maior inspiração. Prefere explorar perto de casa, considerando a fotografia a expressão de uma experiência na natureza, assim como um ato de ligação e revelação.

angelojesusphoto.com



Luís Afonso

Gosta de fotografar perto de casa, em locais com os quais pode desenvolver uma relação de longa data, pois acredita que a fotografia de natureza pode e deve representar algo mais do que apenas “isto foi o que eu vi”.

luisafonso.com



Mário Cunha

Vê a natureza como um livro aberto e em constante mutação onde a luminosidade, contraste, geometria, cor e texturas mudam a todo o instante. O maior prazer está em encontrar potencial na paisagem para criar imagens que sejam um reflexo da sua essência.

mariocunhaphotography.com



Miguel Serra

A natureza é a sua maior inspiração, a Estrela a grande paixão. Dono de um olhar inicialmente mais desperto para a paisagem aberta, que ao longo dos anos foi moldado para uma vertente mais intimista dos lugares que conhece e quer respeitar.

miguelserra.net



Nuno Luís

Apassionado por arte, é através da fotografia que exterioriza aquilo que considera ser um retrato do seu “eu”. Na natureza, encontra o mote que dá alma e expressão a essa paixão sob a forma de narrativas visuais.

nunoluis.net



Ricardo Salvo

Fotografa ao sabor do que as emoções lhe ditam a cada momento, o que dificulta a escolha de um estilo. A Natureza mais crua consubstancia grande parte da matéria fotografável que encontra. Adora debater e pensar Fotografia enquanto arte, função e ciência.

ricardosalvo.com



Rúben Neves

Tem pela fotografia uma atração contemplativa, de emancipação e de liberdade, refletindo avidamente sobre a sua essência. É uma atividade que encara como uma fonte de retorno inigualável que consegue, maioritariamente, através da comunhão com o mundo natural.

[instagram.com/rubeneves](https://www.instagram.com/rubeneves)



Tiago Mateus

Em busca pelo belo e estranho, pelo invulgar e delicado, Tiago perde-se nas caminhadas pelas paisagens que o fascinam. Contudo, a sua arte não consegue escapar à sua própria natureza, retratando muitas vezes a singularidade das emoções e sensações humanas.

tiagomateusphotography.com

PERSPETIVA

Fotografia. Arte. Natureza.